

ASSIGNATURAS
 ANNO... .. 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

 Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25

 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O caso de Alagôas marcou funda impressão na opinião nacional, como escandalo de marca maior excedente á craveira desses que se tornaram meio normal de vida de perpetuidade das nefastas olygarchias, consolidadas em pedras angulares da politica republicana. Alagôas conquistou o *record* das olygarchias desabusadas.

Para felicidade da familia alagôana, para a satisfação dos idéaes daquelle pequenino, daquelle patriotico torrão de Calabar e outros heróes, era indispensavel ficar o governo nas mãos solitas de um preclaro membro da dynastia dos Maltas, estivesse elle embóra incompatibilizado pela lei organica do Estado, duplamente incompatibilizado por ser irmão do satrapa em exercicio e por estar ainda dentro do prazo constitucional da exclusão por exercicio anterior do cargo.

A felicidade da familia alagôana merecia bem esse crime infestado, perpetrado com immenso sacrificio, com o penoso sacrificio de todas as injuncções do poder; os Maltas não teem meios termos, não esbarram ante restricções que impressionariam os mais embotados orphãos do senso moral, não conhecem barreiras aos seus desvarios nem se abrigam sob os véos hypocritas do respeito ás apparencias: tão elevado fim—a felicidade da familia alagôana — justifica todos os meios.

A malta acciolyua, donataria do Estado do Ceará, finge ainda uns resquícios de escrupulos: quando a sua ambição incontestavel se detém nos garranchos da Constituição que ella mesmo forgicou para uzo e gozo especial da sua ninhada, convoca, do pé para a mão, o Congresso de parentes, de amigos, de capangas, e póda o galho impertinente, atravessado no seu caminho victorioso. Para reeleger

o chefe do magote de alcandorados estadistas, ou substituil-o por um pimpolho para que o poder supremo não escape do seio da familia, elles, inimigos figadaes de todos os revisionistas, emendam a Constituição como si concertassem uma bota que se lhe não amolda aos callos monstruosos; mettem-na na fôrma; põem-lhe meia sóla com todos os sacramentos legaes, com toda a pericia de remendões eméritos.

Os ineffaveis Maltas de Alagôas não se embaraçaram nessas formalidades: sacrificam tudo para corresponderem ao voto do povo que os acclamam instrumentos da sua felicidade, da sua gloria.

Era urgente promover certo melhoramento na capital do Estado, arranjar-lhe iluminação electrica e, como esse extraordinario empreendimento não estava dentro das forças do orçamento, como era imprescindivel recorrer ao capital estrangeiro, um Malta benemerito contractou aquelle serviço publico com um subdito allemão, que exigiu toda a sorte de seguranças, inclusive o sacrificio da dignidade do Estado que o Malta não hesitou em vender desabusadamente.

O allemão, como o sr. Leopoldo de Bulhões, não tem confiança na justiça brasileira: exigiu, por isso, que as questões com os contribuintes, consumidores da luz electrica, fôssem julgadas no fôro de Berlim, e o Malta não hesitou em desaforar os cidadãos alagôanos com uma desfaçatez, com um desprendimento que sómente encontra parrelha na inepecia do allemão que se julgou completamente garantido por essa clausula absurda, inexecutable, uma vez que as sentenças dos tribunaes de Berlim esbarrariam no Supremo Tribunal Federal do Brazil, a menos que não sejam executadas a muque pelos marinheiros dos couraçados, das *Panther* do kaiser, investidos da funcção de officiaes da justiça internacional.

Mas a vergonha, os perigos resultantes desse monstruoso negocio, estão perfeitamente justificados pelos fins: o Malta que o perpetrou obedeceu aos intuitos de felicitar o povo alagôano, que o mantém no poder, aureolado pelas estimaveis palmas da benevolencia.

E caberia aqui o venerando *cliché*: os povos teem os governos que merecem.

Esses *maltas* são productos genuinos da politica dos governadores, são poderosos instrumentos da politica-gem; engrossam a immensa cohorte de incondicionaes que apoiam cegamente o governo central, a cuja sombra medram, de cujo prestigio se nutrem. Sem a tolerancia criminosa dos presidentes da Republica, elles não ouzariam deprimir as instituições democraticas, introduzindo na generosa terra brasileira praticas politicas que seriam repugnantes aos regulos brutos do continente africano; elles não ouzariam conspurcar a lei, negar o pão e agua da justiça aos cidadãos que não commungam no seu credo de iniquidades desbragadas.

O sr. Rodrigues Alves, contra cuja honestidade pessoal nada se póde allegar, assiste impassivel a todos os desmandos dos Maltas a todas as prevaricações, a todas as torpezas dos acciolyys, que só teem a justificativa de uma boçalidade impedernida, de uma absoluta falta de senso moral, quando s. ex. poderia, para manter illezos os creditos e a honra da Republica, oppor obstaculos decisivos á obra depressora dessa cafila de odiosos politiqueiros. S. ex. não sómente fica impassivel ante esses crimes, como os acoroçoa com a sua cooperação omnipotente, guindou-lhes os sicarios aos postos de honra, concedendo-lhes postos da guarda nacional, dando-lhes juizes e supplentes da justiça federal para que elles asphyxiem o voto, como acaba

de succeder na primeira experiencia da refôrma eleitoral apadrinhada pelo nome do conselheiro Rosa e Silva.

O Malta de Alagôas está envergando o seu Estado com um contracto indecentissimo, vâe ser reeleito contra a lettra expressa da Constituição alagôana; nem por isso, desmerecerá da sua qualidade de eleitor, concorrendo com alguns votos cegos para o futuro Congresso; nem por isso lhe negará o Governo Federal mais algumas brigadas de guarda nacional, nem deixará de manter sob as ordens delle os funcionarios federaes do Estado, servindo contra estes de iustrumento de vinganças pessoas dos satrapas descontentes, offendidos pela quebra do dever de obediencia passiva: elles continuarão a obter do Governo Federal todas as provas de affecto, todas as demonstrações de solidariedade, elementos indispensaveis á manutenção da sua tyrannia, porque elles são instrumentos preciosos, capangagem inconsciente que executa, sem trepidar, os mais abominaveis crimes.

O Governo Federal se abriga hypocritamente no sagrado respeito á Constituição, á autonomia dos Estados, onde está definitivamente abolida a fôrma republicana federativa; o Governo Federal consente que essa miseria alastre, deturpe, adultere as instituições; assiste, manietado por escrúpulos pueris, a esse descalabro, quando tem nas mãos o remedio, os meios de nos poupar esse vilipendio e os perigos que se estão amalgamando para o futuro. Ridiculo respeito á Constituição, a cada passo infringida para saciar interesses da politicagem ou para resuscitar tradições incompativeis com a fôrma de governo!...

* * *

Um amigo solicitou a nossa *esclarecida* opinião sobre o convenio de Taubaté, que é o fóco de attracção de todas as vistas, de todos os interesses dependentes do successo do café, que, á perspectiva do monopolio official, está sendo um objecto de forte especulação.

A nossa humilde opinião é que o acto do sr. presidente da Republica, remettendo a approvação do convenio ao Congresso Federal, na fôrma do art. 48 § 16 da Constituição, merece

plenos louvores por ter feito uzo criterioso de uma importante attribuição, como prova de isenção de animo, dada a sua qualidade privada de importante cultor da famosa rubiacea.

Quanto ao amago do convenio, as suas vantagens, as seus perigos.. respondemos ao nosso amavel leitor que estamos, na materia, com o nosso excellente amigo o sr. Bulhões: não entendemos pela simplissima razão de não ter estudado ainda, como merece, assumpto de tamanha transcendencia.

O governo accyolino já resolveu esse problema, extinguindo a lavoura do café, o famoso chumbadinho da serra de Baturité: elle e a secca são os mais operosos instrumentos economicos daquelle desditosa terra da luz...

POJUCAN.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

ARCHITECTONICA DAS IDÉAS

Estudando-se a Grecia antiga, ver-se-á que aquelle paiz, collocado entre o Oriente e a Europa, aquecida por uma temperatura tepida, mas moderada pelas nortadas glaciaes descidas das geleiras dos Apeninos e dos Alpes, tendo no ar e no sólo a doçura dos afagos maternos, que lhe aviventam e rejuvenescem o organismo de povo amollentado em poetica voluptuosidade; ver-se-á que aquelle paiz, repetimos, desde seu periodo genesisico até suas ultiores evoluções, não podia deixar de ser para a humanidade o berço de novas sciencias, do aperfeiçoamento das lettras e das artes em geral. A semelhante poder de evocação historica, o espirito moderno se deslumbra a prefigurar-se no lyceu, no gymnasio, nas palestras, nas academias, no Parthenon, no Pireu e na Ágora; a ouvir Demosthenes na *Oração da corôa*, Demades e Eschines, Platão ou Aristoteles; a admirar os quadros de Zeuxis e de Apelles; a estatuar de Praxisteleus ou de Phydias, e toda uma vida espiritual movimentada no seio da *polis* hellenica e doumada pelas irradiações da belleza esculptural das Aspasiae e das Phrynés...

Tratando do ar e do sólo da antiga Hellade, affirma o auctor d'*A philosophia da arte* — que nada é gigantesco naquelle paiz, onde facilmente o olhar apanha os contornos dos objectos e delles recolhe a sua perfeita e nitida imagem. «Nada, exclama elle, de semelhante a esses labyrinthos infundaveis de luxuriosa vegetação, a esses

enormes rios que os poetas indianos descrevem; nada de semelhante ás florestas interminaveis, ás planicies sem limites, ao oceano infundo e selvagem do norte da Europa.»

Compreende-se, pois, facilmente, que, ao envez de madrasta, a natureza fôra uma cortezã aos olhos e aos gozos dos contemporaneos de Anacreonte, que amam as suas fontes cantantes, os seus bosques sagrados pelos druidas e as suas montanhas espirituallizadas com a mais carinhosa e repassada affeição de amavel ternura. Ao extremo norte, eleva-se o Olympo, onde é feita a morada dos deuses do paganismo. No esplendor de suas artes e de suas lettras, no aureo periodo de sua civilisação, a philosophia não podia deixar de consubstanciar todo o concreto saber do espirito. A sua architectonica philosophica é, pois, a do mytho kosmogonico commun a todos os povos aryanos. No poema de Homero, a Terra é circumdada pelo rio Oceano, que representa o papel da serpente allegorica, que envolve o Planeta nas tradições kosmogonicas da India.

A escola naturalistica de Heraclito, em quem se procura descobrir um predecessor do evolucionismo, aperfeiçoada por Anaxagoras, abre ao mundo do espirito um novo estadio de desenvolvimento humano. Com certa dóse de exaggero, mas certo cunho de verdade, se tem estabelecido que tudo quanto uos descobrem as modernas investigações, encontra seus delineamentos rudimentares nas concepções hellenicis: no polymorphismo, na gravitação dos atomos e na attracção molecular.

Não é aqui o logar assentado para o estudo desse admiravel capitulo, que á historia geral da civilisação do occidente traçou o genio grego, a partir de sua theogonia primitiva, que teve na India o seu berço, até o declinio da republica, quando surgem — Aristoteles, que subjuga e vence com a razão; Demosthenes com a eloquencia; e Alexandre, com o deus das batalhas e dos exercitos.

O certo é que, quando Socrates surgiu no céo do peusamento grego, já de ha unito a philosophia dos gnostas e metaphysicos da Italia, a theoria atomistica e o grupo dos sophistas, tinhau brilhado no seu apogeu e dado á intelligencia humana a synthese *ionica* da mais inconcussa esterilidade. A Grecia foi o terreno revolvido fundamentalmente por luctas enormes travadas em pról da verdade philosophica e, consequentemente, a primeira função do philosopho era a dialectica. Da grande obra de Aristoteles dedúz-se que as discussões mais memoraveis da sabedoria daquelle povo fôram as que se referiram á theoria dos nume-

ros, á theoria das idéas e á reputação do scepticismo. E Pythagoras, Socrates, Platão e Protagoras figuram nos annaes do tempo como os grandes representantes dessas idéas. Na *Historia do desenvolvimento intellectual da Europa*, assignala Draper que, ou por carencia de informações precisas pela ausencia de dados mais ou menos completos, ou devido á natureza especial da escola, sómente nos é dado saber que as especulações sobre o numero, sobre os signaes que o representam, fôram o ponto de partida dos *pythagoricos* para a sua concepção geral do mundo. Quão verdadeiro era esse ponto de partida em si o demonstrou Aristoteles e o demonstram os chimicos modernos quando representam os corpos por numeros e com elles fôrman combinações sobre que se bazeam os calculos. E a philosophia, diz Léfèvre, não deixará jámais de ligar a maxima importancia á sciencia dos numeros; mas evitará, accetando os seus resultados, emprestar-lhe uma existencia idéal, «uma especie de personalidade voluntaria e dirigente», como o fez Pythagoras, ensombrando, dest'arte, de illusões metaphysicas e de aberrantes concepções a theoria numerica do conhecimento. E foi por isto que, apesar de sua pasmosa intuição da doutrina heliocentrica, muito anterior a Copernico, o pensador de Samos, bem diminutamente concorreu para o desenvolvimento da philosophia propriamente dita.

«Les pythagoriciens, escreveu H. Martin deste ponto de vista, cherchèrent dans les corps un principe immanent, mais supérieur, un et multiple à la fois, les uombres, identiques d'une part avec les lois de l'univers, d'autre part avec les forces intelligentes. Ils pensèrent donc que la science pouvait se construire à priori par l'interprétation des propriétés des nombres.»

«L'unité fut Dieu, accrescenta o auctor de *La philosophie*, divers chiffres sacramentels, vrais fétiches verbaux, exprimèrent le monde, l'homme, le parfait et l'imparfait, le désordre et l'harmonie, le vice et la vertu.»

Diferente se offerece á nossa observação, na perspectiva da historia espiritual do grande povo, o vulto de Socrates, aureolado pelo tragico de sua morte, o mais eloquente e autentico documento do seu espirito e nobreza do seu caracter. Estudar a physionomia deste pensador é fazer o estudo da evolução intellectual do V seculo, cuja corrente produziu Platão e Aristoteles, a mais alta culminancia scientifica daquella epocha. Socrates não foi o iniciador de uma escola, mas o creador do espirito logico da philosophia, o que levou Xenophano a considerá-lo como o fundador do *anthropomorphismo metaphysico*.

Iniciado nas sciencias do seu tempo, falta-lhe, todavia, o temperamento do sabio, o espirito de observação regularmente desenvolvido, e o que o sedúz sobretudo nos livros de Anaxagoras é o espirito de ordem, o idéal racional que modela a fôrma das coisas tendo em vista a harmonia das linhas e a belleza do conjuncto, á função do estatuario. Para elle, os actos humanos devem ser conformes á dignidade de uma alma bem formada. A sua vida e sua morte lançaram uma luz deslumbrante sobre sua doutrina. Ao tribunal que o condemnou, assim se dirigiu, em sua linguagem de bronze, em nome da dignidade humana :

«Julgo haver prestado relevantes serviços á patria, não desamparando jámais a causa da justiça, jámais cedendo á força, quer da auctoridade, quer do povo, quer dos tyrannos. Não recorrerei, portanto, para conciliar vossa benevolencia, a meios que considero menos justos; mas ao inverso do que me imputam os meus accusadores, porque creio em Deus mais do que qualquer delles, entrego meu julgamento a Deus e aos meus juizes.»

Como se vê do homem, ou, melhor, da sua intelligencia superficialmente observada e mal comprehendida, Socrates fez o centro e a lei do Universo. E' dubitavel que houvesse acreditado firmemente na immortalidade da alma; a sua philosophia não ia além da metaphysica dominante: as entidades moraes, o bem e o bello absolutos, o deus da razão, as causas finaes e a Providencia. Desapparecido Socrates e arrefecido o ardor com que prégava a sua doutrina ante a força da excentricidade dos principios de Diogenes, cuja existencia singular emprestou á sua theoria uma face interessantissima, appareceu, na philogenese das idéas gregas, o vulto de Platão, sagrado pelos seus compatriotas com o qualificativo de divino, synthese das concepções de Heraclito, Pythagoras e Parmenides.

No prefacio traçado á *Metaphysica*, de Aristoteles, Saint Hilaire defende-o das accusações peripateticas. Platão conciliou duas escolas: discipulo de Socrates, elle o tinha sido igualmente de Cratylo e de Heraclito. Para Heraclito, o fogo tinha sido a alma do mundo, a sua unidade e a base da perfeição. O sol e os astros se lhe figuraram emanações de flamas condensadas.

Da mesma sorte Platão vê o Universo regido por um principio abstracto, preexistente, donde emauam as instituições e as leis humanas.

«Acreditando na instabilidade e no fluxo perpetuo das coisas visiveis, afirma o traductor *De la metaphy-*

sique, procurava nellas o elemento estavel e duradouro, para formar, segundo o *systema socratico*, uma definição que servisse de fundamento inabalavel á sciencia. A idéa lhe surge como uma abstracção, unidade immovel, immutavel e racional, porque não pôde ser percebida pelos sentidos, á semelhança das mathematicas, onde as unidades de que se occupa a arithmetica, bem como as entidades sobre que se apoia a geometria, absolutamente eguaes, não são reaes no sentido commum da palavra.

Ha na esthetica a idéa do bello; na justiça, a idéa do justo; e dahi a criação metaphysica da idéa absoluta na natureza. Para Aristoteles, o principio absoluto, immovel, eterno, immaterial, immutavel e uno é a idéa do primeiro motor. O movimento impresso por elle é o movimento circular, que tem a vantagem de recommençar incessantemente, sem interrupção.

Em notavel trabalho, publicado na *Revista Brasileira*, o dr. Herculano de Souza Bandeira resumiu nas seguintes palavras a metaphysica do philosopho de Stagyra;

«O motor immovel de Aristoteles, sendo a Intelligencia mais perfeita, vive na perenne contemplação do proprio sêr; na sua linguagem quasi incomprehensivel, o pensamento divino é o eterno pensamento, a intelligencia divina é a eterna intelligencia da intelligencia. Esse Deus contemplativo que creou o mundo, mas que o não governa, vive isolado do universo, e a humanidade a seus olhos é como si não existira.»

Tal a escola desse grande espirito, que, entre os maiores sabios de todos os tempos, occupa um logar conspicuo. E' que no estudo de sua epocha destaca-se maravilhosa a sua actividade scientifica em todas as esferas do saber. Durante seculos, elle dirigiu, como unico pharol, a marcha do pensamento philosophico do mundo. É tal foi a sua influencia, e de tal modo se reflecte ella na vida intellectual contemporanea que, si a Homero foi dado consubstanciar nos seus poemas o pensamento poetico em epocha anterior, ao mestre de Alexandre foi dado condensar em sua obra muitos segredos estranhos á sciencia de então, tornando-se, como um genio que o foi, um contemporaneo dos seculos futuros. E elle foi effectivamente o domador da corrente espiritual do pensamento hellenico durante um largo periodo.

Agóra já é tempo de lançar um olhar retrospectivo á estrada que acabamos de percorrer.

Longe de nosso espirito o intuito de escrever alguma coisa que se assemelhe a um estudo intellectual dos philosophos da Grecia antiga, debaixo do ponto de vista personalissimo do seu

valor intrinseco. E dahi os rapidos esboços dessas grandes individualidades, que mal conseguimos destacar, sem focalisações, na luz e sombra de nma prespectiva incolor.

O que visamos é assignalar o ponto inicial da corrente que, vindo do passado, trazendo os despojos dos mythos e das legendas antigas, chegou até nós, deixando fluctuar na sua caudal esses mesmos despojos de civilisações submergidas pela voragem destruidora dos seculos, afim de que possamos indagar o norte do seu itinerario em demanda do futuro, ao que nos propomos de accordo com o methodo historico-naturalistico. Já vimos que os jonicos e depois os pythagoricos, os eleatas e os atomistas, procurando explicar o maravilhoso sêr collectivo do universo, estabeleceram a possibilidade da existencia de uma fórmula generica do seu todo. Com Socrates a doutrina sophistica creou uma nova fórmula do problema: o papel da philosophia, o seu fim foi determinar o valor das idéas, as bases do conhecimento que dellas emana.

De modo que a um estudo do conhecimento em si se reduziu toda a doutrina *socratica*. Mas no mundo exterior então se diviza o gerador dos phenomenos, estranho macrokosmo, e por isto Socrates e Platão fundaram o *dualismo*: o objectivo e o subjectivo, o *noumenon* e o *phenomenon*, para falar com Kant.

Aristoteles foi a culminancia dessas idéas philosophicas.

Nota-se nos tempos modernos o mesmo spectaculo da philosophia antiga.

E' que, partindo de um ponto dado, o espirito philosophante, percorrendo a orbita inteira dos conhecimentos, volta fatalmente ao ponto donde um dia partiu. Tal é a lição do desenvolvimento espirital, como nos diz o auctor da *Historia do materialismo*.

Deixando, porém, á margem o phenomeno assignalado, notemos com Sylvio Roméro que—«as grandes construcções systematicas da Grecia reapareceram em Descartes, Spinoza e Leibnitz; o espirito do critico percuciente e acurado resurge em Locke, em Hume e Kant, a aspiração architectonica mostra-se de novo em Fichte, em Schelling, Hegel e Schopenhauer.

Só mais tarde, com a doutrina da evolução, se estabelece definitivamente a unidade de todo o universo, do pensamento e do mundo exterior, a equipolencia gradativa, uniforme do *objectivo* e do *subjectivo*, e as duas tendencias, que pareciam antitheticas, se vão a fundir.»

Para o notavel pensador sergipano, digamos logo, a fusão dessas duas tendencias, conciliadoras das sciencias do homem e das sciencias da na-

tureza, realizou-a o materialismo critico, ou agnosticismo evolucionista, ou evolucionismo integral de Spencer, em suas liuhas geraes.

Não admittindo a solução entrevista por Sylvio, mas pensando de modo diametralmente opposto, pelos motivos que adeante mencionaremos, é justo, todavia, assentarmos, já agóra, que, em face da obra do pensamento nacional, duas são as grandes categorias de nossos philosophos: a dos *teleo-mechanicistas* e a dos *monistas philosophicos*.

E essas duas escolas, em que se bifurca o espirito brasileiro, terão nos dois artigos seguintes a sua opportuna e justa apreciação.

PRADO SAMPAIO.

ARMADA NACIONAL

Ainda os officiaes generaes — Os nossos capitães de mar e guerra — As commissões no mar — Os annos em terra.

O quinto e o sexto daquelles officiaes (num. 74, anno III, dos *Annaes*) são, incontestavelmente, os mais marinheiros dos nossos officiaes generaes; quanto a outros predicados nada se pôde dizer. Um delles, comtudo, em commissão que exerceu, ha pouco, revelou apreciaveis qualidades de chefe sob o ponto de vista de administração, e é vóz corrente na armada que, mais do que qualquer outro, merece os bordados que lhe exornam os punhos. Por isso mesmo talvez foi o que mais custou a attingir a alta patente que é hoje a sua, sendo innumeras vezes preterido, porquanto o seu merecimento nunca se traduziu em bajulação ou empenhos. O outro é um bom marinheiro, piloto diriamos si alguns não affirmassem que seus conhecimentos excedem a navegação e a manobra.

O ultimo daquelles sete officiaes generaes (ultimo por uma classificação toda nossa) é reconhecidamente o de maior preparo entre elles. Não se tem exercitado no oceano, é facto. Mas essa pratica de mar não é, em geral, dependente da vontade dos nossos chefes. E si para os outros de que nos temos occupado não apresentamos tal razão como desculpa, é porque os outros, não podendo exercer sua actividade naquelle theatro, não procuram supprir tal falta pelo estudo ou pelo desempenho cabal, correcto,

de outras commissões,—como faz esse. Demais, a energia, a justiça e a independencia são qualidades já sobejamente demonstradas por elle quando administrador, e que fallecem á generalidade dos outros officiaes generaes, excepção feita, sobretudo, daquelle que mais difficilmente attingiu á posição que occupa e ao qual já nos referimos.

Assim, resumindo, dos treze almirantes que comporta o quadro ordinario, um é, por molestia, completamente inutil; completamente inuteis, sinão perniciosos, por sua crassa ignorancia, dois; tres padecem duma irremediavel carencia de preparo technico e de pratica da sua profissão; um é um prodigio verdadeiramente prejudicial, um medalhão naval, com a aggravante duma precarissima saúde; quatro, já dos meliores, são bons marinheiros conservando ainda uma forte dóse de bôa-vontade para com a sua profissão, que os citados anteriormente, em geral, perderam por completo. Apenas dois dos treze, pôdem conscientemente, e com proveito para a marinha de guerra, merecer o nome de «almirante». Resumindo mais: dos treze officiaes generaes: sete são incapazes; quatro, quasi capazes e só dois capazes.

Que bello quadro de almirantes para dirigir uma esquadra de navios dos mais modernos e poderosos, conforme o programma Pitta-Noronha!

Fóra do quadro ordinario existe um almirante: seus constantes estudos, as publicações ácerca de assumptos navaes, de notavel proficiencia, firmados por seu nome, as brilhantes administrações que tem feito e que vivem na memoria do estado-maior da marinha de guerra, falam por elle. Está condemnado ao ostracismo pela dynastia dominante na armada; questões particulares fôram o motivo desse ostracismo.

* *

Si passarmos egual revista no quadro dos nossos capitães de mar e guerra, mais doloroso será ainda o resultado.

Separemos, logo de começo, dois: um, o auctor das molas reaes para canhões de 57 m/m, a bordo do *Riachuelo*, facto a que já alludimos (num. 66, anno III, dos *Annaes*); o

mesmo que perdeu um ferro, pela sua originalissima maneira de fundear esse navio; o mesmo que, commandando o *Carlos Gomes* em 97, varou o porto de Pernambuco. O outro, o tal que como commandante do *Riachuelo*, tendo saído do Rio de Janeiro, não encontrou a Ilha Grande, que demora 60 milhas a oeste, no mesmo paralelo, da ilha Rasa (num. 68, anno III, dos *Annaes*). Por esses factos, ficam os dois definidos.

Tomaremos agóra um grupo de seis outros, o mais moderno dos quaes tem dezeseis annos de official superior: nenhum destes, entretanto, como official superior, desempenhou uma commissão no mar quer como simples official de bordo, quer como immediato, quer como commandante.

Estiveram, ao menos, durante os ultimos dezeseis annos, embarcados em navios onde pudessem aprender alguma coisa? Absolutamente não. Um viveu entre uma capitania de porto e uma escola de apredizes, preenchendo os intervallos entre essas commissões, ficando addido ao quartel general da armada; outro occupou aquelle tempo entre o commando da *Lamego*, como capitão de fragata; commando do *Purús*, como capitão de mar e guerra, e *embarque* em Villegaignon como capitão tenente; um terceiro eclipsou-se como capitão tenente, foi immediato como capitão de fragata e hoje, capitão de mar e guerra, ha 5 annos, vive addido ou em commissões de terra; assim, os outros tres; cada um, em summa, aguardando que um ministro amigo o eleve, *para lustre maior da armada*, ao generalato, on que o destino lhe não seja tão implacavel que, só creando ministros inimigos, não lhe permitta attingir aos 62 annos para a refórma compulsoria conceder-lhe, sem trabalho, cerca dum conto de réis mensaes e honras de vice-almirante.

Seria irrisorio indagarmos si teem feito publicações, si teem trabalhado.

Um outro é o homem da lei. Toda a sua incompetencia revoltante, toda a sua perversidade, unico sentimento que o anima, toda a sua inveja, acobertam-se sob aquella capa. Commissões *de verdade*, desempenhadas? Nenhuma. Commandante de navios em concerto, de navios imprestaveis e que sob o commando de outros e por esforços

destes, se tornaram prestaveis, nunca, desde primeiro tenente, deu de si outra prova que não fôsse um vergonhoso terror das guarnições e um *preparo profundo* para verificar as escripturas dos commissarios. Como official superior, nunca desempenhou commissão no mar.

Outro dos capitães de mar e guerra é um bom piloto e um soffrivel coronel de infantaria. Nada mais. Como official superior: uma commissão no mar. Como capitão de mar e guerra: capitão de porto, addido, ou coisa semelhante.

Outro vive, desde o inicio da Republica, afastado da armada, tendo se dedicado inteiramente á politica. Foi official de merito, e, ainda hoje no Congresso, em pareceres, tem espendido das mais aproveitaveis idéas sobre projectos que se referem á marinha.

Analysemos agóra um novo grupo de tres capitães de mar e guerra, em conjuncto. São tres officiaes de valor incontestavel, qualquer delles, desde capitão tenente esforçando-se por continuar a firmar a fama que vinha adquirindo desde official subalterno, um delles, sobretudo, augmentando o seu renome com publicações de utilidade, como sóem ser feitas as publicações de alguns *luzeiros* da armada. Qualquer delles tem sempre, nos postos superiores, desempenhado commissões de immediatice ou commando, com brilho não commum ao geral dos outros immediatos ou commandantes. Um, fraco como chefe, faz desaparecer o defeito pela tenacidade e preparo com que transforma um navio imprestavel em outras mãos, em navio util sob a sua direcção. Si lhe faltam talvez requisitos minimos para ser um commandante modelo, sobram-lhe, comtudo, por qualquer coisa, um devotamentamento á profissão e um desejo de elevar-se por si mesmo, invejaveis. Outro procura supprir o que lhe falta em preparo, e é pouco, pelo conhecimento exacto, que quer sempre adquirir, do navio que se lhe confia, applicando-se sempre com um afinco extraordinario em exercer com brilhantismo as commissões que obtem; o terceiro, emfim, estudando e investigando sempre, na ancia de não esquecer o aprendido, de conhecer a novidade e de não se alheiar á sua

profissão, — hoje, que as commissões de embarque não são obtidas pelos capitães de mar e guerra conforme as aptidões e o valor de cada um.

TONELEIRO.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Um novo phenomeno electrico. — Descarga thermo-electrica. — As recentes experiencias do sr. Steinberg.

Estudando a conductibilidade do ar produzida por um corpo quente, o sabio Steinberg reconheceu que ha desprendimento de electricidade positiva passando através do ar ambiente, ao passo que este é máu conductor da electricidade negativa accuzada pelo mesmo corpo.

O auctor dá a esse phenomeno o nome de descarga thermo-electrica.

Para as respectivas experiencias, elle aqueceu numa lampada de alcool um fio espiral de platina ligando-se á bola de um electroscopio de folhas de ouro. Supprimida a lampada, carregou o electroscopio positivamente. As folhas, ao principio, se separaram para caírem promptamente em menos de um segundo, demonstrando que a electricidade passava do fio espiral para o ar. Si, depois, se electrizar o electroscopio negativamente, as folhas se afastam, mas não cáem. Si se collocar um segundo, o electroscopio junto do corpo aquecido, á distancia de 5 a 12 centimetros, uma parte da carga positiva do primeiro é repellida para o segundo através do ar.

Esse phenomeno subsiste até que haja egualdade de potencial entre o corpo quente e corpo frio.

Em outra experiencia, Steinberg aproximou um corpo aquecido a rubro de um electroscopio carregado negativamente; o corpo quente estava ligado ao sólo de modo a produzir uma carga positiva por inducção. A uma distancia de 10 a 20 centimetros, as folhas começaram a cair e á distancia de 2 a 5 toda a carga do electroscopio se annullou. O electroscopio carregado positivamente, nas mesmas condições, nenhuma variação soffren.

Essas experiencias fôram communicadas á Sociedade de physica e chimica de S. Petersburgo.

* *

Craniectomia. — Experiencias de Lan-nelongue durante dezeseite annos. — Opinião do dr. Laurent.

Quando o desenvolvimento do encephalo pára nas creanças, occasiona frequentemente consequencias fataes — idiotismo, imbecilidade, suppressão ou atrophia das faculdades intellectuaes.

Tem-se reccorrido em taes casos á craniectomia, á resecção de uma parte dos ossos do craneo, praticada ha muitos annos com relativo successo.

O sr. Lannelongue acaba de fazer, sobre este assumpto, uma communição de evidente importancia: fez essa operação durante dezeseite annos e verificou que não correspondeu á sua expectativa; algumas deram resultados mediocres, outras fôram completamente nullas, donde concluiu, de accordo com o dr. Laurent, de Bruxellas, que essa operação, para ter probabilidade de exito, se deve praticar na primeira infancia, na idade de um anno a dezoito mezes, quando a molestia não occasionou ainda perturbações irreparaveis.

* *

Os perfumes na therapeutica. — Effeitos dos perfumes sobre o aparelho digestivo e sobre os nervos.

Sabe-se que certos perfumes affectam o aparelho digestivo e produzem nauzeas. Não é extraordinario soffrer certo malestar penetrando num aposento fechado onde houver tuberosas; o lyrio e a girolla produzem dôres de cabeça. Os que trituram rosas e cravos são sujeitos a syncopes. Dahi se concluiu que os perfumes, tendo pronunciados effeitos sobre o organismo, poderiam ser utilizados com vantagem em certos casos como remedio.

Varias tentativas fôram feitas com successo, nesse sentido. O cheiro da baunilha e do heliotropo são excellentes calmantes dos nervos, as vaporisações alliviam as dôres de cabeça.

Não ha ainda um methodo scientifico para o aproveitamento dos perfumes, mas é de crer que, em breve, elles constituam um magnifico e elegante meio therapeutico.

* *

A contaminação pelos livros. — Meios de evital-a. — As recommendações do dr. Miquel, do Laboratorio de Paris.

Sabe-se que a transmissão de certas molestias de natureza contagiosa, pôde-se fazer pelos livros e pelos papeis que tenham sido manchados e maculados por occasião dum accesso de tosse, dum espirro, ou simplesmente fôram contaminados por uma estada mais ou menos longa no quarto de um doente atacado de uma dessas affecções.

Os medicos preconizam diversos meios de conjurar esse perigo. O dr. Miquel, director do Laboratorio de Paris, recommenda a desinfecção dos livros por meio duma dissolução concentrada de aldehydo formico, marcando de 107 a 108 no densimetro e de chlorureto de calcio crystallizado,

de maneira a elevar-se o liquido a uma densidade visinha de 120, ou que tenha uma parte de chlorureto para duas de adehydo.

Para os livros de uma escola, por exemplo, esse processo parece muito pratico e pôde ser applicado mesmo ao ar livre, servindo uma caixa ou um armario com prateleiras. Collocam-se os livros abertos em leque, depois penduram-se, em baixo, cintas de papel embebidas na solução. Os vapores que sóbem vão purificando os papeis. A operação não estraga os livros e destróe os germens morbidos.

APANHADOS

O ensino medico da guerra russo-japoneza No ultimo numero dos «ANNAES» publicámos uma curiosa nota a respeito da hygiene entre os subditos do mikado. O medico *yankee*, que tinha escripto a estatistica, comparava, na Mandchuria, os doentes russos com os japonezes; estes tinham um numero diminuto no hospital e os russos perdiam uma quantidade extraordinaria de soldados. Pensava o articulista que motivava isto a rigorosa limpeza que havia entre os japonezes. O mesmo não acontecia no lado russo: o desleixo predominava nos batalhões do czar.

O sr. Frederico Treves, cirurgião inglez, acaba de attraír a attenção do corpo medico militar sobre um facto dos mais interessantes, que resalta da comparação da pathologia das tropas inglezas durante a guerra dos *boers*, com a do exercito japonez na campanha da Mandchuria.

Diz o medico britannico que nas fileiras japonezas não adoeciam sinão 2 entre 100 soldados do seu effectivo, emquanto os inglezes tinham, no minimo, 10 % com febres, impossibilitados de combater. Na Africa para 22.000 feridos, havia cerca de 450.000 doentes. As molestias faziam mais claros nas fileiras que as bayonetas e as balas. Isto tem uma explicação bem simples. Os japonezes teem feito tudo para prever e evitar as molestias evitaveis. O corpo medico não gasta sinão uma pequena parte do seu tempo com os feridos; trabalha enormemente nas precauções que impeçam o desenvolvimento dum certo numero de doencas.

O cirurgião japonez, na Mand-

churia, marchava com a primeira linha de batedores, acompanhado sempre do microscopio e dos reactivos, occupando-se em examinar os poços, em analyzar a agua para saber si era potavel, marcando com um signal especial os poços utilisaveis e com uma bandeira convencionada aquelles que se deviam evitar. Nas aldeias e cidades, elle examinava logo as condições sanitarias, fazendo izolar os quarteirões que apresentavam casos de molestia contagiosa. Acompanhando os membros da intendencia, verificava, com um cuidado meticoloso, as provisões chegadas.

O medico militar, no Japão, é cegamente obedecido, tendo no seu dominio, uma auctoridade que ninguem contesta; as suas instrucções são recebidas como leis inviolaveis.

Com essas precauções, assim tão intelligentemente tomadas, o exercito japonez teve um numero muito pequeno de doentes do tubo digestivo e de febres, que, em campanha, levam tantos homens ao hospital. A sua organização sanitaria, inspirada pelas conquistas da sciencia occidental, é muito superior á dos grandes exercitos do mundo.

* *

Um relógio original Depois que os inglezes occuparam Khartum, todo o immenso paiz do Sudão tem progredido espantosamente. A administração ingleza tem aberto diversas estradas, e muitas linhas de caminho de ferro estão em construcção.

Essa região equatorial está, porém, muito longe do que deve ser. Assim, a aldeia de Bor, que a bôa vontade ingleza fez chamar cidade, tem uma «grande praça»—um largosinho, cheio de matto, onde espetam os seus tectos as cabanas rudes. Bor, que está situada perto do Nilo Branco, é uma villa original. Um empregado da municipalidade, váe, de hora em hora, fazer soar o relógio no «grande largo»; bate com um martello as pancadas da hora sobre o relógio publico, que é, muito simplesmente, uma placa de ferro. E' muito provavel que Bor passe ainda alguns annos sem sino e carrilhão.

* *

Litteratura e pernas Um critico americano assegura que ha entre a litteratura e as pernas uma grande connexão que não devia estar desconhecida. Geralmente os bons livros, solidos, verdadeiros, bem feitos, são

de pessoas que possuem pernas fortes. Os que andam pouco, os anemicos, de musculos molles, fracos, raramente exercitados, produzem uma litteratura *invertibrada*. Não é sentado, deante duma meza, entre obras dos outros, que se escreve grandes livros; é andando, passeando perto do povo e perto da natureza, observando directamente a vida, que se imagina e se realiza a obra humana, verdadeira e sincera.

Quasi todos os grandes romancistas, e os philosophos tambem, andavam muito, diz o sr. B. Millard, o critico americano. E isto inquieta bastante o *yankée* no ponto de vista patriótico; os norte-americanos andam a pé muito pouco e não é correndo na bycicleta e no automovel ou no caminho de ferro que elles chegarão a adquirir as pernas fortes, sem as quaes não podem escrever um bom trabalho litterario ou philosophico.

* *

Um romancista criminoso O tribunal de Auckland, na Nova-Zelandia, condemnou á morte o sr. Leonel Terry, litterato e jornalista inglez, que assassinou um chinez, para chamar a attenção sobre o seu romance *A sombra*, onde elle mostrava a imminencia do perigo amarello.

* *

Uma cadeira de Napoleão I Em Londres, num leilão, uma cadeira muito ordinaria, feita com uma madeira bem grosseira e dum junco bastante usado, alcançou a somma enorme de 1450 francos. E' que essa modesta cadeira tinha servido a Napoleão I durante os seis annos do seu captiveiro em Santa-Helena. Foi sentado nella que Napoleão ditou as suas *Memorias* para explicar e justificar os seus actos.

* *

As baleias A baleia desde algum tempo que recúa cada vez mais para o norte, e a caça pelo canhão a que se entrega um pequeno numero de industriaes inspira serios receios pelo seu futuro. Muitos marinheiros reconhecem que a grande baleia se está tornando muito rara e que os outros cetaceos, ainda numerosos, fazem o contrario das baleias, isto é, vão se afastando do norte para o sul.

A esse respeito, o sr. Rabot assignala um caso interessante. Em 1902, enquanto o dr. Otto Nordenskjold invernavia em Snow-Hill, o seu navio *Antartic* explorava a Georgia do Sul. O capitão Larsen viu ahí tão grande

numero de cetaceos, que, ao voltar para a Europa, armou uma baleeira a vapor e em 1 de janeiro de 1905 fundava uma estação de caça naquella ilha deserta. Até o dia 1 de junho, o sr. Larsen tinha apanhado 97 cetaceos, fazendo uma estatistica bem curiosa e notando que, no sul, umas especies ficam muito magras e outras engordam extraordinariamente, o que não acontecia quando viviam no norte.



Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XV

O projecto de amnistia, apresentado na sessão de 5 de maio por Martins Bastos, representante do Rio Grande do Sul, começou a ser discutido em 9 do dito mez.

Quem estuda a historia, sómente para formar uma collecção de factos e obter nomenclatura de personagens e datas, não se preoccupa em saber da causa que impelliu o deputado rio-grandense a julgar necessario e urgente semelhante objecto. (1)

De certo a investigará quem quizer conhecer o estado social que prevalecia durante as phases da evolução da independencia nacional. Já dissemos, nos capitulos anteriores, que a sociedade brasileira se esbatia conturbada e afflictiva sob o latego da policia do gabinete de 16 de janeiro e que as devassas, abertas duma a outra extremidade do paiz, geraram, por todas as provincias, fundas desconfianças de pretender d. Pedro, aclamado Imperador, separado o Brazil de Portugal, constituido o Imperio, continuar o governo da monarchia, segundo a tradição de seus avoengos. As perseguições, as prisões e os desatinos do ministerio irritavam e, ao mesmo tempo, amedrontavam as populações opprimidas pelos governadores que o ministerio sustentava.

Reunida a Constituinte, os deputados geralmente manifestavam compartir das mesmas desconfianças; temiam perseguições, mórmente vendo prezo e encarcerado violenta e injustamente o coronel Costa Barros, eleito pela provincia do Ceará, e todos pareciam convencidos de que não estavam seguros e garantidos e, por conseguinte, suppuzeram que uma lei de amnistia viria, provavelmente, mudar e melhorar a crise que affligia os povos nas provincias e na Côrte.

Entre os oradores que tomaram parte nos successivos debates de 9, 21 e 22 de maio, uns se assignalaram pelo esforço em fazer triumphar a idéa; outros, em profligal-a. Os Andradas (Martim Francisco e Antonio

Carlos), com extremo e vivo calor, defenderam o governo do irmão ministro, auctor dessa deploravel situação, em que o povo soffria os males, horrores e cruezas do despotismo; dessa situação que destruía e empecia os effeitos que a Independencia produziria no tocante á liberdade civil e politica. Muitos brasileiros e portuguezes, por futil suspeita, sem provas, sem indícios, fôram lançados nos fundos dos calabouços, ou deportados, ou obrigados a fugir. Essas victimas da prepotencia incorriam no grande crime de criticar e não approvar nem applaudir a rotineira administração, a inepta politica do gabinete, em que José Bonifacio exercia um mando absoluto sem a fiscalisação siquer da imprensa, que elle havia estrangulado; da opinião ou do murmurar das multidões, que elle havia perseguido, encarcerando — só duma feita — cerca de 400 pessoas. (2) Não havia isenção para ninguém; o despotismo é um implacavel nivelador: todos são pequenos ante os seus olhos e devem, submissos, obedecer á sua insoffrida e flagelladora vontade.

Martim Francisco era, talvez, o mais prudente e reflectido da *trindade*, porém, quando se tratava da causa que interessava á sua *illustre dynastia*, atrevia-se a bater-se com a valentia dum bravo das heroicas cruzadas, iniciadas pelo denodado Eremita.

Poderíamos seguir o exemplo de historiadores, que, narrando actos e projectos, discussões de idéas, que são os materiaes para construir a obra e constituir o escopo das narrativas, traçam retratos dos oradores, como na Inglaterra fizeram lord Brougham e Macauley, Lalouel e outros: em França praticaram varios escriptores da Historia Parlamentar, como Duvergier de Hauranne, Buchez e Roux, principalmente Lamartine, que, nos Girondinos, pintou a physionomia do moribundo marquez de Mirabeau com calido colorido e com inspiração de inimitavel e esplendido artista! (3)

Parece, porém, que este genero litterario não se harmoniza com o gosto dos nossos leitores; são estes que fazem os escriptores e, por isso, não temos escriptores que o tentem e cultivem. Entre nós, si alguém aventurar-se a ensaiar-o, não levará avante o seu tentamen, porque lhe faltariam os elementos indispensaveis. Vemos que as Assembléas succedem umas ás outras, desde a Constituinte de 1823 até hoje, e ninguém estuda os oradores mais eloquentes e eruditos, quaes os Carneiro da Cunha, (marquez de Caravellas) Bernardo Pereira de Vasconcellos, Abrantes, Jequitinhonha, Antonio Carlos, Abaeté, Paula Souza, Euzebio de Queiroz, Gabriel Rodri-

gues, Landulpho Medrado, senador Nabuco, Inhomirim, Cotegipe, senador José Bonifacio, Angelo Ferraz, viscondes do Rio Branco e do Bom Retiro, Fernandes da Cunha, Ferreira Vianna, Gaspar, Paulino de Souza, Octaviano e outros, que valem tanto quanto aquelles que, nos parlamentos dos povos livres, são proclamados — soberanos — pela pujança da eloquencia, pelo fulgor do talento, pela riqueza da sciencia e da imaginação.

Nestes paizes cultos abundam os elementos para trabalho desta ordem.

As biographias, as memorias, os estudos analyticos, que a pura litteratura prepara, fornece aos historiadores meios de dizer o que valia o orador politico ou estadista.

Assim, a fama dos nossos athletas das luctas da liberdade esvãe-se no derradeiro som de suas vózes, levado rapido pelos echos das abobadas das casas do parlamento.

Quem das gerações novas sabe, hoje, o poder que exercia a vóz canora do marquez d'Abrantes, ou a palavra prestigiosa do senador Nabuco de Araujo, o qual, falando assentado, tinha a magestade dum pontifice; orando de pé, dominava o auditorio? Quem se lembra das apostrophes fulminantes do visconde de Jequitinhonha e das scintillantes abundancias da erudição de Angelo Ferraz? Quantos conhecem as explosões das vehemencias do patriotismo de Gaspar da Silveira Martins — o imperterrito Occo-nell rio-grandense? Tudo isso é cinza fria, que a posteridade não revolverá, porque não tivemos o cuidado de conservar. Esses homens passaram e se perderam nas noites dos dias em que viveram. Elles soffrem a perpetua condemnação do tempo — esse inexoravel executor das *justiças de Dio*, conforme a phrase do celebre poeta hespanhol.

Não podendo desenhar, a largos traços, a physionomia nem representar a attitudo de Martim Francisco, quando se erguia da curul parlamentar, vou reproduzir a substancia dos argumentos, com os quaes se esforçou em combater o projecto de amnistia.

Era factio bem notorio o estado de coacção moral em que se via a Constituinte, temendo os espiões da policia, os quaes, *segunas as portarias, deviam ser activos e seguros*. Os deputados declararam que receiavam dar o seu voto; aquelles que votaram pelo projecto fôram acoimados de máus, demagogos e desorganizadores. Desejavam atacar o gabinete; todavia, não ouzavam tental-o.

Elles eram por demais inexperientes e incapazes de superar as difficuldades da crise que estortegava o paiz. Martim Francisco tirou de todas

estas circumstancias a substancia do seu discurso, começando por um exordio, *ad terrorem*, que daremos para exhibirmos aos leitores a mostra do seu tom oratorio.

«E' fatalidade, sr. presidente, que a historia de acontecimentos ainda frescos na nossa memoria, ou não ha muito verificado entre povos que, como nós, trilham o caminho das novas instituições, tenha feito tão pouca sensação em alguns dos illustres deputados desta Assembléa: é ainda maior fatalidade que queiramos copiar e cair no maior dos erros que elles commetterão: eu falo da lei de amnistia.»

O orador improviza uma resenha incompleta e rapida do proceder do partido reformador em Portugal, fazendo passar a lei de amnistia, chamando a si, por esse meio, todos os traídores que se achavam presos ou desterrados. «A guerra civil (prosegue o orador) já lavrava em muitas de suas provincias, prova de que tal medida, pelo menos, lhe não era fructifera: eis o que sei por ora das amnistias de direito: passemos ás de facto.

Os regeneradores da França, cobertos com a capa de philantropia, fizeram arrombar todas as prisões da França e soltar todos os presos, que, segundo a opinião delles, eram victimas da arbitrariedade do regimen passado e estas fêras — ou carregadas de crimes, ou ulceradas por uma longa prisão, sedentos de vingança, fôram os instrumentos de que se serviram os ferózes demagogos para anniquillar as bases antigas das instituições publicas, derrubarem os templos da moral, arrastarem pelo lodo os sagrados objectos do culto, sacrificarem em nome da liberdade milhares de victimas ao seu odio, delapidarem as finanças duma nação rica e industrial, devastaram as cidades mais populosas, para finalmente não perdoarem sequer ao sexo amavel, a quem servia de escudo sua belleza, suas graças e sua mesma fraqueza; para, sr. presidente... corramos o véo sobre este quadro de atrocidades e procuremos, si é possível, relevar o erro de taes regeneradores.»

O orador passa a comparar as nossas circumstancias com as dos outros povos alludidos em seu discurso e diz: «aqui o monarcha, ou reconhecendo a usurpação feita pelos seus antepassados, ou temendo succumbir ao immenso pezo que sobre elle carregava e em ambos os casos desejando anciosamente uma Constituição, pelo decreto de 3 de junho convida a nação a que nomeie seus representantes para Assembléa geral Constituinte e Legislativa, que deve dal-a.

Que somos nós, sr. presidente? inimigos do Governo? Não. Somos os escolhidos do povo por quem o monarcha ancioso suspirava; temos, pois, força de mais; não precisamos de tal lei de amnistia. Que se respondeu a tudo isso? Que o amor popular exigia esta lei para salvar as victimas da arbitrariedade do Governo. Como, sr. presidente! O povo da Côrte e das differentes provincias viu, anteriormente com magua silenciosa e muda, tropas sublevadas, capitaes extorquidos a seus proprietarios, cadeias arrombadas, criminosos de toda especie soltos, nas mãos de semelhantes fêras instrumentos de morte e de carnagem e em alguns logares o terreno ensopado no sangue de seus concidadãos e. e hoje brada e grita a favor de homens presos em consequencia duma devassa e pronuncia? A favor de homens, que só fôram presos depois de observadas todas as formalidades prescriptas pela lei? Si assim é, abandonemos este augusto recinto, voltemos aos nossos lares, porque não viemos fazer leis para tigres, e só sim para homens.

Sejamos justos, sr. presidente; nenhum clamor tem havido da parte do povo. E' sim a opinião publica que se pronuncia a favor desta lei, segundo affirmou um dos illustres preopinantes, que me precedeu: — e pôde havel-a na crise actual, no meio de diversos partidos, que loucamente se cruzam e combatem? Pôde havel-a agóra que a moral parece ter perdido sua santidade e as leis sua força? Eu não o creio, mas quando fôsse possível sua existencia para obter e conservar a bôa opinião de meus concidadãos, não faria o sacrificio dos dictames da minha razão e dos gritos de minha consciencia, que só devem dirigir-me como legislador; ora, ambas me dizem que semelhante lei não é precisa. Disse-se mais que esta lei, fazendo restituir cidadãos infelizes ao seio de suas familias desoladas, põe um termo ás vinganças do governo, á perversidade e prevericação dos juizes.

O orador diz que o seu coração tambem sympathisa com a desgraça; vendo, porém, que taes cidadãos fôram presos em consequencia duma devassa — julga semelhante lei de amnistia uma completa usurpação do poder judiciario e as invectivas e vociferações contra os poderes constituídos, uma triste lição para os povos e de terriveis consequencias para o futuro. Como é possível que sôem taes vózes no augusto sanctuario das leis? Não vê acaso esta Assembléa que ella propria abre o abysmo em que um dia deve ser precipitada?»

Esse discurso não é sómente uma peça de oratoria parlamentar, é tambem um valioso documento, do qual a

historia, com justa razão, deve aproveitar para fundamentar os seus juizos. Ahí se vê a situação angustiosa, na qual se debatia a sociedade brasileira; alludem-se ahí ás medidas de repressão e ás vociferações contra os poderes constituídos; ahí se afirma a conveniencia do rigor em punir os agitadores, os que não se resignam á marcha que o Governo segue; ahí condemnam-se os que se oppõem a oppressão e louvam-se os que opprimem.

O oppressor é o ministerio, a victima é cada cidadão que protesta contra as prisões em massa, contra a politica, que transforma em suspeito e demagogo o individuo que julga ter o direito de censurar actos arbitrarios incompativeis com o regimen constitucional. O que o orador não diz nem explica é si os actos do ministerio são justos e legaes e não eivados de iniquidade. Porque appareceu tão permanente e renhida opposição ao Governo? Seria porque elle procedia bem? Esforçava-se pela causa publica? Eis ahí o que a historia examina e verifica que o ministerio Andrada foi um terrivel continuador do absolutismo, que devia cessar com a proclamação da Independencia, com a libertação do jugo colonial. Ao contrario, feita a Independencia e quando os brasileiros se reputavam cidadãos e não colonos ou escravos, o patriarcha restaurou o regimen das portarias de devassas geraes, que punham innocentes ou culpados á mercê da policia.

Martim Francisco deixou no seu discurso um depoimento iususpito, concludente e de grande valor probatorio. Ora, si suas palavras combatem a necessidade da amnistia, não negam os factos que motivaram o projecto do deputado rio-grandense. A historia, pois, recolhendo, aqui e acolá, todos os testemunhos, afirma que o ministerio de 16 de janeiro, em vez de ser benefico, em vez de trabalhar pela causa da liberdade, foi restaurador e mantenedor do absolutismo da monarchia dos antepassados de d. João VI e de d. Pedro I.

Os historiadores que escrevem sobre os successos da primeira phase da evolução da nossa Independencia, sem examinar os factos nas suas origens, contentam-se com as apparencias delles, notadas pela tradição vaga, inconsciente, alterada, e nos ensinam o erro em logar da verdade. Mas aquelles que querem estudar a historia para aprendel-a e, porque não a sabem, examinam todos os documentos, todos os *papeis velhos* e, depois de laboriosas investigações, reconhecem a disparidade que ha entre as narrativas superficiaes de certos historiadores brasileiros e a realidade dos factos com-

provada por documentos inconcussos. Pelos livros de historia que nos ensinam nos collegios, vemos no patriarcha a alta personificação do patriotismo e da liberdade, o mantenedor dos direitos do povo, o representante das idéas dnm regimen livre, limitado e constitucional. Ao contrario, elle, segundo os seus actos — *pequeninos e anãos discursos* — portarias, sómente se notabiliza pelo systema das devassas que exprime uma vasta cadeia de perseguições, um tremendo instrumento do despotismo do governo d'el rei, nosso senhor.

Tratava-se do projecto de amnistia urgente pela alluvião de requerimentos que vinham á Camara, pedindo que mandassem soltar os presos da Ilha das Cobras e de outras prisões na Côrte, em Pernambuco, em São Paulo e outras provincias. O facto que motivava taes petições, não é negado; por consequente, por isso mesmo affirma-se que innumerados cidadãos fôram privados de sua liberdade e fôram opprimidos. *São um punhado de miseraveis, de desordeiros, de demagogos, de republicanos...* exclama Martim Francisco, violento.

Parece coisa incomprehensivel e repulsiva que, immediatamente após os albores da Independencia, os brasileiros que fôram tão dedicados á causa nacional do bem commum, obra de todos — e não de José Bonifacio — parece inadmissivel que quizessem destruir a mesma obra.

Aqui o historiador que quizer attingir a verdade, vê-se obrigado a sondar os abysmos da psychologia da sociedade brasileira dessa temporada.

Queriam a republica? Não, porque o entusiasmo por d. Pedro subia das nifimas camadas até os pincares sociaes; acclamavam-no, com delirio de amor e gratidão — Defensor e Imperador. Esse foi o sentimento do povo ignorante e rude que chegava a endeuzal-o em suas trovas, canções ou *modinhas*. E as classes populares, nesse periodo da vida nacional, saíndo das miserias coloniaes que as embruteceram, não podiam ter idéaes e aspirações republicanas, contentavam-se em *ouvir dizer* que estavam livres do azorrague do absolutismo.

As classes que se reputavam superiores, eram geralmente duma ignorancia marmorea — sem intelligencia e sentimento, tendo apenas o instincto da liberdade. Essas classes, todavia, iustinctivamente amavam e preferiam a monarchia; portanto, não surgiam dahi os demagogos.

E seria, na verdade, *um punhado de miseraveis*, de perversos, os que o ministerio de José Bonifacio encarcerou?

Como crer! Entre elles, vimos o coronel Costa Barros, eleito deputado ás côrtes portuguezas, onde não foi

para ficar no Brazil, trabalhando pela Independencia, sempre de accordo com d. Pedro. O mesmo Costa Barros é deputado á Constituinte; depois, ministro da Guerra, de d. Pedro; finalmente, senador pelo Ceará.

Notámos o brigadeiro Coutinho da Nobrega, ministro da Guerra, de d. Pedro; o brigadeiro Moniz Barreto, distincto no exercito; o portuguez Soares Lisboa, jornalista notavel, esforçado obreiro da Independencia; um certo Gama, de Pernambuco, a quem o deputado Lopes Gama (visconde de Maranguape) defendeu na Camara, e muitos outros. Fecharei esta lista com os nomes de José Clemente, do deputado Lédo, do conego Januario e do futuro regente Feijó, que em portaria José Bonifacio recommendou á traiçoeira espionagem do capitão-mór de Itú.

A gente que cercava o patriarcha e seus intimos conselheiros: os Orelhas, José dos Cacos, Miquelina, Lafuentes, etc., esses espiões, a meio soldo, de certo não entravam no punhado de miseraveis e de homens perdidos.

O discurso de Martim Francisco evidentemente não contém um argumento contra o projecto; o mais judicioso é tirado da comparação dos actos regeneradores de Portugal e dos philanthropos e reformadores de França.

O deputado Alencar apressou-se em responder ao illustre Andrada. E realmente, começando espirituoso e faceto, acabou por pulverizar o discurso em todos os pontos. Limitemo-nos a reproduzir alguns excerptos.

— «Principiarei por onde principiou o illustre preopinante que me precedeu. Que fatalidade, sr. presidente; que singular fatalidade, que os exemplos da historia em geral e mórmente da nação de que fizemos parte, nos não sirvam de regra para evitarmos os males que ella tem soffrido. Estou inteiramente convencido que é sempre mais perigoso punir do que deixar impunes os crimes de opiniões. Quem tiver profundamente sondado a marcha do coração humano, facilmente se penetrará desta verdade, comprovada pela historia dos governos.

... ..

— Em prova desta verdade, mil exemplos nos offerece a historia das nações. Não cansarei a Assembléa referindo todos os que me occorrem; citarei sómente alguns, que, por acontecidos em tempos mui proximos e entre a nação, a que, ha pouco, perenciamos, nos devem com mais força assustar.

De nada valeram, sr. presidente, as perseguições e espionagens e crueldades de Vasconsellos e outros agentes do governo hespanhol em Portugal para deixar de tramarmos e arrebenarmos a revolução de 1640...

De nada valeram tambem os horrosos castigos ordenados pela regencia de Portugal contra os infelizes do campo de Sant'Anna, a que se seguiu o mesmo systema de espionagem e violencia; a revolução preparou-se e, nos dias de 24 de agosto e 15 de setembro de 1820, caíu o despotico e desconfiado governo.

Agóra mesmo as devassas, perseguições e deportações arbitrarías, com que José da Silva Carvalho tem flagellado grande numero de cidadãos, são as causas da nova revolução de Portugal.

O que directamente feriu o povo fôram as violencias e medidas arbitrarías do ministerio, desde o principio do anno passado. Conclúo, pois, sr. presidente, que os castigos dos crimes de opinião não salvam os governos, adeantam a sua ruina. O unico meio de prevenir as revoluções acha-se na marcha justa e legal do Governo.»

O orador allude ao que se passou com el-rei d. João IV no tocante á rebellião do marquez de Villa Real e do duque de Caminha e do arcebispo Braga e outros. Continúa dizendo — «que ultimamente o governo provisorio de Portugal, sem perseguir nem tyrannizar, conseguiu desfazer a conspiração de 11 de novembro de 1820 e removendo seu auctor para fóra da capital continuou em socego sua marcha regular. Agóra, sr. presidente, applicando estas observações ás nossas circumstancias particulares, parece-me evidente que não só é util, mas necessaria uma amnistia geral.

Demais, os governos novos precisam adquirir força moral, o amor, a confiança dos povos; e ninguem seguramente dirá que os meios doces não são os mais proprios para conseguir este fim, e tanto isto é certo que quasi nunca os governos recém-erectos teem deixado de lançar mão delles.

Por outro lado, sr. presidente, não vejo em que esta amnistia possa prejudicar o Brazil. A' excepção das duas provincias do norte que não teem adherido á nossa causa pela influencia européa, em toda parte se tem gritado — Independencia e Imperio —. todos estão conformes neste grande principio, e si ha divergencia é em opinião secundaria e esta divergencia é muitas vezes nascida de rivalidades e odios puramente particulares e ciúmes ridiculos.

Não se tema que a amnistia traga para entre nós inimigos da nossa causa: ha de trazer muitos cidadãos amantes della e que talvez só padecem

pelo muito que a amam; ha de reconciliar os animos que hoje se mostram oppostos e espalhar entre nós a paz e o prazer... Até direi que a amnistia é um acto de justiça e com ella salvaremos da oppressão alguns homens que padecem sem terem commettido crimes.

Não pretendo accuzar ninguem, como já declarei noutra occasião e agóra repito, nem o meu character é proprio para accusações, mas nem por isso deixarei de dizer que o ministerio, talvez com as melhores intenções, como quero crer, e tendo só em vista — o *salus populi* — fez prender uns homens e deportar outros sem culpa formada e estes actos me parecem injustos e inconstitucionaes e accrescentarei que até agóra não se tem provado crime algum a taes homens: tudo são méras suspeitas.»

Vê-se desse discurso a maneira pela qual o gabinete de 16 de janeiro opprimiu a população. Não é dado a ninguem duvidar desse facto, porque as provas o evidenciam. Os proprios defensores do gabinete, exaggerando os perigos da demagogia, confessam o facto desde que reconhecem a necessidade de reprimil-os. Ora a repressão se não daria sem a existencia do facto; logo a repressão que houve é facto provado e confessado. Mas o que os defensores do ministerio nunca puderam demonstrar é que os prezos mereciam a repressão que arbitrariamente lhes infligiu o Governo na sua insensata tenacidade de ver demagogos, republicanos e inimigos por toda parte.

O discurso de Alencar, judicioso, positivo, tratando restrictamente do assumpto do debate, contrasta completamente com a declamação apparatusa da oração proferida por Martim Francisco. Alencar evidencia que os perseguidos, sómente por terem opinião contraria á marcha tortuosa do gabinete, são amigos da causa nacional; todos querem—Independencia e Imperio; porque, pois, o ministerio os persegue, os retém nos ergartulos, condemnando-os a passar por horri-veis soffrimentos?

Nota-se, naturalmente, o alto bom senso com que o deputado cearense aconselha o remedio da amnistia para sanar tantos males causados pela insania do Governo e a fatuidade com que Martim Francisco se esforça em justificar as cruezas praticadas contra brasileiros, cujo crime ou erro cifra-se em reprovar a detestavel politica do gabinete que Martim Francisco defende e sustenta por interesse de dominio dos Andradas.

O discurso de Alencar produziu effeito, impressionou a Camara, tanto que se esperava que um orador do Governo viesse desfazer tal effeito e

justificar os actos censurados com tanta razão, justiça e criterio.

EUNAPIO DEIRÓ.

- (1) As perseguições e devassas.
- (2) Portaria de outubro. Vide os discursos da Constituinte.
- (3) Elle descreve a scena em que o povo cercava a casa do grande orador.

PAGINAS ESQUECIDAS

MARTYRIO E ROSAS

Amor... o sonho dourado
Da juventude florida
Sorrisos de algumas horas
E pranto de toda a vida.

Consortio... final de esperanza
De duas almas guarida;
Enlevo de um só momento,
Cadeia por toda a vida.

Os filhos... élo adorado
De uma afeição não mentida,
Rosas de breve instante
Espinhos de toda a vida.

FRANCISCO OCTAVIANO.

* *

MYSTICISMO HUMORISTICO

Voltei. E' agóra que as toutinegras emigram.

Andei pelos campos, neste ar desfallecido do inverno outonal.

Agóra o azul está indolentemente bello. Tem quasi uma ironica serenidade. E' o azul intenso, frio, triumphante. Tem a luz, a belleza, a força, a ineffabilidade. Agóra a luz enterrecida dos campos arrasta-se pelas grandes aguas quietas e pallidas, onde o vento revolve e espalha a agonia das folhas.

Quando voltava, vi uma casa pequena, esbranquiçada, escondida entre as benções indolentes das arvores. Tinha a serena quietação de quem tem ouvido segredos extaticos, e era triste e religiosa como a entrada amarellecida de um convento catholico. Havia uma corrente de agua delgada que fazia claras murmurações, e era como o acompanhamento, natural e melodico, de uma ecloga latina. Entre as arvores estava um banco solitario, que o musgo ia cobrindo. Nas plantas, nas clematites, nas trepadeiras que o cercavam, havia um murmuro como de vózes distantes que cantam felicidades perdidas. A pedra escura e molhada do banco tinha a tristeza das pedras do cemiterio, á luz consoladora, purificadora e branca, que cáe dos céos outonaes.

Agóra, sobre aquelle banco, dorme estirada a grande luz do sol, e á noite o luar, porque já não ha naquella casa namorados contemplativos que venham, de noite ou á sésta, despertar, para se poderem sentar alli, aquelles dormentes de luz.

Aquella casa abandonada faz lembrar amores mysticos: e, quando se vê á luz dolente do escurecer, faz subir do coração como um sabor de beijos antigos e esquecidos.

As arvores erguiam, em attitudes violentas e propheticas, os seus braços nús, engelhados, supplicantes para o frio azul, esperando, no entorpecimento, a fermentação violenta das seivas. Os ramos frios e nitidos deixavam passar indifferentes, sem as suspender, sem as acariciar, as molles nudezas das nuvens.

Toda a natureza, no tempo dos frios, está impassivel e somnolenta.

*

Passei por um cemiterio. Andava um coveiro abrindo covas. Tinha um rosto inerte e animal. A luz dissipava-se, e uma estrella que se chama Venus luzia, metallica, ardente, desejosa, lucilante, num fundo sinistro de ramagens.

O coveiro é um sementeiro. Semeia corpos. Sómente não tem a esperança nem o amor das colheitas. Quem sabe se os corpos, que se atiram á valla, sementes funebres, se abrem, lá em cima, em searas divinas de que nós apenas vemos a ponta das raizes, que são as estrellas? Mas não. A alma morre. O corpo revive e dissipa-se na materia enorme.

E' na alma que estão as más vontades, os negros remorsos, as lacerações do mal: o corpo desce livre, novo e são para as uberdades limosas das covas.

Quando chega o ultimo frio, odios, amores, tristezas, invejas, melancolias, desejos, todos cançados das luctas e da vida, dizem á natureza como gladiadores vencidos: — *Os que vão morrer saúdam-te!* — E morrem.

A vida e o seu supplicio é absorvida na insensibilidade da natureza, no silencio perpetuo, na força fatal e cega. E a materia váe pelos ares, pelas planicies, amollece-se nas sombras, vivifica-se nos raios claros, é rochedo, floresta, torrente, fluido, vapor, ruido,

movimento, estremecimento confuso do corpo de Cybéle: e a materia sente a vida universal, a palpação do átomo debaixo da fórmula, sente-se banhada pelas claridades suaves e pelos cheiros dos fenos, sente-se impellida para a luz magnetica dos astros e dilacerada nos asperos movimentos da terra. A materia tem a consciencia augusta da sua vitalidade. E assim, sob a tua impassibilidade, ha uma angustia immensa, uma vida ardente, impiedosa, uma alma terrivel, oh formidavel natureza!

A noite descia: caía de cima uma claridade lactea; pezava um austero e lento silencio; a larga brancura celeste era gloriosa; os pastores desciam com os rebanhos lentos, balauzo; havia pelo ar uma bondade indefinida, uma virtude fluida: eu lembrava-me dos Elysios olympicos e mythologicos onde, na claridade, passam as sombras heroicas, serenas, brancas, leves, levadas por um vento divino. Claridades sem sol!

*

Eu ia escutando os passos da doce noite, que vinha caminhando. Ia-me afundando no tédio, como um navio roto numa maré do equinoxio. Enchiam-me a alma crepusculos brancos. Entrei no grande, arvoredado negro. A'quellas horas, os lymphaticos, os innocentes, os mysticos, encontram nos arvoredos languidezas e elevações asceticas. Mas eu tremia entre a ramaría inquieta como um mar, mysteriosa como um firmamento: — tremia como um homem medroso que visse erguer-se um morto. Toda aquella negra decoração de ramos torcidos, de folhagens lividas, de silencios, enchiam-me de um terror profundo e trivial. A luz dissipada e transfiguradora do occaso dava aos troncos um estranho aspecto de luctadores, vindos do sangue e dos incendios: os sinos distantes eram como vózes indefinidas de miseria e de dôr.

Passava um vento incessante e perseguidor. Os môchos voavam, e as aguas sonoras eram como vózes vingativas e tragicas. A lua, entorpecida, passava por detraz da estacada de ramos. O vento era rouco e lento como um canto catholico de officios. E o grasnar lento e arrastado dos córvos parecia uma ladainha barbara de pa-

dres. As arvores doentias rangiam ao vento hybernal, o ar estava diaphano, lacteo e mortuario. As estrellas que appareciam tinham o olhar lancinante.

Ceguei á estalagem. Em baixo, na lareira, um magro fogo lambia as fuligens. A luz do meu quarto tinha a lividez dos cirios, e o espelho tinha reflexos pallidos, como de sombras mythologicas que passassem. Ouviam-se os lobos.

Lembraram-me então as outras noites, claras, doces, lentas, em que o céu derrama somnolencias; então tambem eu ia por entre as arvores, e ouvia ondas sonoras de cantigas, que o vento fazia retinir através da bruma, entre o acre cheiro das efflorescencias. Aquellas vózes claras eram doces, santas, saídas de crystaes, como veladas por um luar. Eram como claridades sonoras de estrellas. Era uma multidão de fórmulas divinas que assim cantavam, divindades fericas, willis, nixes, peris, fadas, que passavam ligeiras sem despertar os ramos adormecidos. Aquellas nudezas celestes, filhas do fogo, flôres do mal, ondas do ar, entrelaçavam-se, dançando nas obscuridades, que as scintillações estellares franjavam de pallidezas. No meio dos nevoeiros humanos, ellas faziam resplandecer deante dos olhos as visões paradisiacas, as creaturas sideraes de languidos mysticismos. Ellas iam naquelles enlaçamentos, brancas e loiras, cheias de lyrismo, com os pés vermelhos e magoados de terem pisado auroras; iam poisando nos jacinthos, nos myrtos, nas rosas barbaras cheias de sangue radioso; iam rolando sobre a brancura soluçante dos lyrios; e a sua vóz triste subia, por entre o azul lacteo, para a lua chorosa.

*

Quando assim estava no quarto da estalagem, inerte como uma mumia, pensando nestas coisas, vi, repentinamente, através das vidraças, a lua apparecer-me.

Mas não era aquella pura e immaculada lua côr d'opala—que derrama brancuras, como se através do azul caíssem lyrios. Era uma lua metallica, fria, hostile, material como uma moeda d'ouro nova.

Ella apparecia-me mortuaria e livida como uma sombra finada, que se

ergue ás grades de um adro. E o seu olhar, lancinante e rapido, estava cheio das minhas agonias.

*

Ora nessa estalagem encontrei um amigo, antigo camarada, que se tinha feito saltimbanco.

Fez bem. Cauçado dos pedantes, dos burguezes, dos ventres mercantis, dos imbecis afogados em gordura, fez-se saltimbanco, e vive entre os palhaços. Faz forças coberto de farrapos luzentes, engole espadas, dança farto de vinho como um Sileno. Dorme numa capa esfarrapada, com a nuca sobre um tambor, á frescura das estrellas e sob a bondade dos luars.

A's vezes, tem frio e fome, e gela nuns calções feitos de veludilho e de galões d'ouro. Anda errante de villa em villa, e a populaça da lama admira-o cingido do seu diadema de metal luzente. Dança sobre a corda, e os seus gestos e as suas musculaturas fazem soluçar de desejos as gitanas e as feiticeiras. Que lhe importam as grandezas e as materialidades felizes?

Elle tem a multidão extatica e enlevada nos giros dos seus sapatos. E tem uma bem-amada de tranças tão compridas como os ramos de um chorão, e annelladas e fortes como negros pennachos de voluptuosidade: e a sua testa tem um reflexo de luar, de marmore e de espelho: e tem uns bellos seios de fórmulas barbaras.

Elle pula á noite, no circo alumado, enquanto as toutinegras cantam nos caunaviaes. Elle faz girar vinte punhaes agudos em volta da cabeça, num circulo puro e sonoro. E a multidão, um dia, vendo aquelle diadema terrivel e faiscante, e o saltimbanco impassivel, grave, eufarinado, sob aquella corôa de luz, tomal-o-á por um idolo e fal-o-á egual aos deuses!

Elle, o meu saltimbanco, tem a alma de ouro e o coração de diamante — e ri-se, ri-se, quando o vento sôa como flauta do inverno, e ao concerto das corujas e das ondas as estrellas dançam.

A miseria anda-lhe cavando a sepultura. Um dia, abandonado da bem-amada, morrerá sem pão, sem luz, sem calor, sem orações e sem sol. E não soffrerá mais. Viu durante a vida todo um povo curvado, applaudindo, debaixo dos seus borzeguins. Os tam-

bores e os clarinetes tocarão o dia melhor do saltimbanco, o dia em que morrer: tocarão o seu melhor dia os ferrinhos, os timbales, os clarinetes, os tambores!

Todas estas coisas se parecem com sonhos. Mas o que é o sonho? O que são as visões? São as attitudes, phantasticas e desmanchadas, que a sombra dá ás verdades. Já pensava assim o poeta Li-Tai-Pê, que escrevia sobre as coisas santas da China, entre porcellanas e laccas, ao aroma dos nenuphars, vestidos de sedas amarellas, perfumado de sandalo—doce, contemplativo, branco, deante dum vaso de margaridas!

EÇA DE QUEIROZ.

A LIVRARIA

« O ATHENEU ». — RAUL POMPEIA. — EDIÇÃO DA CASA ALVES

Quando li pela primeira vez o *Atheneu*, eu teria vinte annos, no maximo. Hoje trago talvez mais dez annos do que o auctor no momento em que o produziu. Quer dizer que não só passei pela mesma quadra, como até já estou do outro lado da vida.

Além disso, o modo de escrever varia muito com os annos, e com elle a escolha dos assumptos. Lendo-se este livro agóra, sente-se que, si Raul vivesse hoje e tivessê a idade de então, já o trabalharia um pouco por outra fórmula, caso sentisse o impulso necessario para fazel-o.

Assim, estabelece-se a distancia duplamente: hoje, nós outros estamos mais velhos do que era aquelle raro escriptor no momento em que produziu o melhor dos seus livros; mas por outro lado sua obra aos nossos olhos já não pôde deixar de ter qualquer coisa de preterita.

Felizmente um e outro facto occorrem simultaneos apenas em certo gráu, até onde basta para nos tornar capazes de julgar serenamente, mas de modo algum com a frieza de uma admiração apenas retrospectiva.

De principio a fim, estas quasi trezentas paginas do *Atheneu* ainda hoje nos empolgam na segunda leitura como um excellente volume que nunca nos tivesse passado pelas mãos. Empolgam-nos e mesmo nos deslumbram. Apenas o que se dá é que não chegam ao ponto de conturbar-nos, como acontecera da primeira vez.

Pelo contrario, surprehende-nos o facto de irmos vendo tão claramente e tão serenamente tudo, como si hoje nos favorecesse uma outra luz, mais estavel e reveladora.

E' que, além de já nos havermos encontrado uma vez com estas paginas, andámos numa demorada convivencia com as obras suas coetaneas, que não pôdem deixar de offerecer maior ou menor correlação com ella.

Voltados que somos ao *Atheneu* agóra, elle nos proporciona ouvir já saudosamente o echo de coisas que amámos, com ardor, ha dez ou quinze annos atraz.

No systema de idéas do auctor deste livro, nos pontos de vista que o mesmo elege, no seu processo de exposição, já começámos a vel-o menos singularmente, a elle, do que todos os espiritos analyticos e ironistas, atormentados laboradores da phrase, que fôram os seus legitimos contemporaneos. São idéas e fórmula vividas no que puderam ser communs a uma geração.

Basta isso para tornar o livro menos carregado de effeitos um pouco, para lhe dar certa dóse de logar commum, coisa de que todas as obras prezizam afim de se tornarem accessiveis, humanas, razoaveis.

Não só vamos olhando serenamente para um e outro lado, como até mesmo acontece que uma ou outra vez já nos permittimos sorrir levemente com a facil superioridade ordinaria nos que olham para um retrato que já não regista rigorosamente a ultima moda.

Nesta epocha de tendencias prosaicas, em que o presidente Roosevelt não é só quasi que o arbitro da politica mundial, mas até inflúe no estylo, já se váe tendo por um pouco ingenua aquella fórmula veneziana, cheia de variegadas lanternas esphéricas, de flammulas e galhardetes, que os adjectivos polychromos, as antitheses, os tropos ironicos e as figuras espiritualmente locadas representam, festivos e coruscantes, na spaginas caracteristicas da vintena em que ellas lograram incontestavel primado.

Tambem a tendencia revolucionaria da epocha, o amor systematico á iconoclasia, revelado em cada uma das paginas do *Atheneu*, já hoje não nos arrasta de modo tão incondicional como antes, particularmente aqui no Brazil. O prurido daquelles tempos já produziu os seus effeitos, e de tal modo que hoje os espiritos, na sua maioria, antes se inclinam para uma aspiração, pelo menos até certo ponto, opposta ás idéologias do passado; sentem, antes, necessidade de ser mais caracteristicamente constructores.

Quando Raul Pompeia compoz este seu livro, que representa uma critica a determinada casa de ensino, a atmospheria offerecia-se-lhe tão favoravel, que elle foi, por assim dizer, um orgão eventual da opinião avançada.

O facto principalmente de representar aquelle instituto como que um ramo officioso do edificio politico então

vigente, fazia com que os espiritos revolucionarios da epocha englobassem-no, sem mais exame, na condemnação votada ao regimen.

Vão longe esses tempos agóra, e quem relê presentemente as paginas do *Atheneu*, severas, mesmo apaixonadamente tendenciosas, si o quizerem, mas emfim honestas, como bôa pintura que ambicionavam ser, ha de concordar que essa catilinaria de outros tempos vale hoje por um elogio ao objecto das suas abjurgatorias, porque proporciona a comparação entre o que por essa epocha se conseguira organizar e os tristes desmanchos e dismantelamentos que ora por toda parte, em materia de ensino, é o que mais ou menos se vê.

Como fica patente, já é forçoso fazer todos estes descontos em desfavor do *Atheneu*. Tivesse sido elle apenas um livro de moda, na fórmula e no fundo, producto de um espirito brilhante, mas superficial, sem apoio no que se pôde chamar propriamente uma natureza, quer dizer uma organização capaz de apprehender o definitivo, o immutavel que ha no homem e nas coisas, e já seria este um livro morto, antes de ter desaparecido a geração dos homens com que coincidiu sua vinda.

Mas sobretudo ha nelle duas qualidades que representam o segredo de sua resistencia e de seu frescor: são a mocidade exuberante e a força segura, que o soergueram em seu plano e da primeira á ultima pagina sustentaram, sem um deliquio, toda a sua composição.

Mesmo para quem já conhecia o *Atheneu*, ainda neste volver de agóra, que a segunda edição proporcionou, cada nova pagina que em sequencia da que já foi lida nos cáe sob a vista, é uma deliciosa surpresa.

De certo ponto em deante, não se pede mais, porque já se vem plenamente satisfeito, e, no emtanto, a prodigalidade continúa, sem intermitencias, sem falha, continúa sempre, dando-nos o livro por fim a illusão do inexgottavel, confundindo-se com o prodigioso da propria natureza.

E' como si o auctor tivesse passado annos e annos numa inibição forçosa, accumulando por compressão, vivendo e tendo de calar as impressões da vida, mas necessitado como ninguem de uma viva representação, até que emfim o interdicto caduca e tudo quanto se accumulára cachoeira e borbulha, transfigurado nas paginas ardentes daquelle livro.

E' da esplendida mocidade, que está nelle feraz, que irradia principalmente essa prodigiosa profusão de recursos.

Até parece que na proporção em que ia sendo feita a obra, as paginas

já escriptas passavam a ser lidas em um cenaculo de moços contemporaneos do auctor, alguns delles quiçá seus companheiros desde os bancos do Athenen. Assim parece, a grande, irresistivel jovialidade que resumbradaquellas paginas sendo destas que quasi só se comprehendem inspiradas na vida collectiva dos *clans* intellectuaes.

Ao par de tamanha abundancia e tanto ardor, uma segurança e firmeza de espirito, na verdade surprehendente em tão verdes annos, e que só se explica pelo effeito revulsivo e sazonnante de nma intensa cultura. Nas passagens as mais difficeis, quando se julga que o escriptor não poderá conservar o sentimento da justa medida, eil-o que em tempo faz estacar a penna, como se refreia um ginete, e em logar do excesso que receiavamos afflora apenas um ironico sorriso, intelligente e de bom gosto.

Depois, tudo trabalhado magistralmente, com o capricho dos orgulhosos, que não cabeceia nunca, e sem as natraes hesitações, o tartamudear intermittente dos estréantes em geral.

Si a obra pecca, revelando, apesar de tudo, a sua juvenilidade, é justamente por esta razão opposta, pelo esforço algo demasiado que representa, e que tráe. Diz Nietzsche que os melhores productos de arte são aquelles em que apenas se dispendem dois terços de força. Um auctor deve sempre dar a impressão de que com elle ficou bem mais do que o muito que se possa encontrar no seu livro.

Seja como fôr, o *Atheneu* fica e ficará na nossa litteratura como uma obra de excepcional talento, de raro entusiasmo intellectual e de um esmero que entre nós ainda ninguem excedeu.

O brasileiro que lê um livro como este tem o direito de ganhar um ponco de confiança na raça, de firmar-se na crença de que, máu grado tudo, uós somos capazes de alguma coisa.

NUNES VIDAL.



O ALMIRANTE (75)

—

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

—

CAPITULO XXV

Houve um momento de hesitação entre a idéa de fugir, de abandonar para sempre aquelle posto de tortura e a injuncção do dever de esposa, agrihoadada ao destino do marido. A misera creatura, escrava de suas deliberações, resolveu ficar, disposta a resistir impavida ás suggestões criminosas, a affrontar tudo, todos os epi-

sodios daquelle estranho drama, desenrolado no escuro, sem um clarão a lhe prognosticar o desenlace. Ficaria preza ao dever por um enorme esforço de vontade para se lhe não imputar uma deserção covarde e, sobretudo, para se apoderar daquelle segredo a meio desvelado pelas horriveis palavras de ternura proferidas pelo enfermo. Seriam ellas um raio de verdade perfurando a treva do delirio? seriam vaga supplica inconsciente sem raizes no coração? Ella sentia a pressão da curiosidade de surprehender a verdade, de conhecer o estado da alma de Oscar, aquella alma viril e meiga que ella reputára isenta de paixões criminosas, aberta aos affectos generosos. Estaria lá dentro, occulta nos mais intimos refolhos, a imagem de outra mulher, guardada como num santuario, adorada silenciosamente, mysteriosamente, num culto fanatico?

Como quer que fôsse, ella obedecia á fascinação do mysterio, antegozava a amargura da verdade cruel que, magoando o seu amor-proprio de mulher, lhe proporcionaria os meios de romper os vinculos que a ligavam áquelle homem, que não era sómente seu, como ella imaginára no momento angustioso em que elle, abraçado de paixão, a enlaçára num amplexo delirante, subjugando-a a um contacto que, entre as violentas commoções de terror, despertára todos os seus instinctos de mulher.

E, agrihoadada pela ancia de desvendar completamente esse fatal segredo, ella escutava, tiritante de impaciencia, as phrases confusas a brotarem desarticuladas dos labios bambos do enfermo. Approximou-se a medo, cautelosamente, passo a passo, debruçou-se sobre elle para melhor ouvir; encostou-lhe quasi a cabeça na bocca, que expellia um halito abraçado; percebeu apenas um murmurio de embriaguez, entrecortado de suspiros arquejantes, de longos gemidos plangentes.

— Oscar! Oscar!... — murmurou ella baixinho—Ouve-me... Sou eu... Dolores.. Dolores.

A cabeça de Oscar vacillou num movimento de impaciencia como si o molestasse aquelle nome.

Hortencia repetiu, sem resultado, o estratagema: dirigiu a Oscar palavras de carinho; afagou-lhe o rosto: nada conseguiu. Elle parecia immerso num profundo somno. E dominada pela idéa de lhe penetrar o coração, esperou que viesse outro indicio desfazer a asphyxiante neblina de duvida em que immergira o seu espirito. Em vão, ella procurava couvencer-se de que era ridicula aquella agitação provocada pela revelação de um amor de aventura, capitulo banal da historia de todos os homens. Que tinha ella com isso, com o passado de Oscar?

Que lhe importava amasse elle outra mulher, si ella o não amava, si aquelle casamento fôra uma simples formalidade para cumprir um dever, um acto de abnegação imposto pelas circumstancias? A idéa de que aquelle immenso sacrificio lhe impuzera a pena terrivel de ouvir aquella confissão, a idéa de que outra occupava o coração do homem que era, legalmente, seu esposo, lhe mordía inexoravelmente o coração, como si ella fôsse traída, desconsiderada, vilipendiada. De resto, pensava ella, fitando os olhos, accésos de concentrada ira, no rosto pallido de Oscar, este martyrio teria um fim proximo. Ella appellava para a morte, para a suprema libertadora de todos os males, de todas as angustias, de todos os soffrimentos; a sua esperança deveria alvorecer com a chegada da sinistra mensageira, cuja visinhança se denunciava nos traços desfigurados daquelle semblante, no arquejar do peito, no halito precipitado daquelles labios que, havia pouco, pronunciavam frementes o detestado nome da mulher preferida, da mulher amada, cuja lembrança emergia victoriosa dos escombros daquelle organismo perturbado nas fontes da propria vida.

O ruido sonoro do pendulo indicou a hora de ministrar um medicamento ao enfermo. Hortencia consultou á luz da lampada a falha de papel onde escrevera as recommendações do medico, mas não ousou cumprir esse caridoso dever. Reinava em torno um ambiente de tristeza, um silencio apavorante, apenas interrompido por um vago rumor de folhas e pelo longinquo coaxar de rãs nas valas do fundo da chacara. Hortencia ergueu-se, dirigiu-se á larga porta da bibliotheca, afastou a cortina e inspeccionou cautelosa as salas proximas, em busca da mãe, de Marianninha ou de outra pessoa amiga. No pequeno salão, ella divizou a figura da marquezia illuminada pela mortiça lanterna do alto da escada, velando attenta, superior á fadiga, ao somno.

—Guilinha!—murmurou ella, mansamente, avançando alguns passos.

—Que é?—respondeu a marquezia, erguendo-se sobresaltada.

—Nada. Eu quero dar o remedio a Oscar, que dorme profundamente.

—O somno é o mais energico reparador. Porque não espera que elle desperte?

—O medico recommendou que lhe não faltasse o remedio... Eu tenho receio.

—Tua mãe e Marianninha fôram repouzar a pedido meu. O conselheiro, coitado, não podia mais resistir á fadiga. Eu te ajudarei... Espera: José está aqui perto...

Antes que ella o chamasse, José se aproximou reverente.

—A senhora precisa de alguma coisa?

—Vem comnosco. Vamos dar o remedio a Oscar.

Animada pela presença da marquezia e do creado, Hortencia invocou todos os recursos innatos da simulação feminina, conchegou-se resoluta ao leito, passou a mão tremula pela frente de Oscar; chamou-o num tom de accentuada ternura.

—Oscar, Oscar...—supplicou ella, docemente—desperta... tem paciencia.

Penetrado pelo accento daquelle voz amorosa, Oscar estremeceu.

—Vamos, meu filho—acudiu a marquezia—E' a hora do remedio...

Oscar abriu os olhos, como si surgesse de profunda lethargia, fitou-os no rosto de Hortencia, indecisos, deslumbrados, contemplou-a durante alguns momentos, e sorriu.

—Como te sentes?—inquiriu a marquezia.

—Melhor, muito melhor... respondeu elle, num tom quasi imperceptivel.

—Vamos, uma colhersinha do remedio—acrescentou a marquezia.

Hortencia apoiou ao seio a cabeça de Oscar, que bebeu, de um gólo, o liquido amargo.

—Muito bem—murmurou Hortencia—és o melhor dos doentes.

—Tu és a saúde, tu és a vida, minha querida—balbuciou o enfermo, lentamente, como si lhe fugisse a memoria das palavras—oh, estou melhor... Sinto voltar-me a energia... as forças...

Hortencia retraíu-se apavorada ante a idéa do restabelecimento daquelle homem, cuja vida ella reputava um formidavel obstaculo á felicidade sonhada.

—Não me abandones, Hortencia—continuou elle, com esforço—Tu és a minha esperanza... Tu és...

Vencido pela fadiga daquelle esforço, seus olhos se fecharam lentamente e nos labios entreabertos expirou a phrase.

—Bem—murmurou a marquezia—Deixemol-o repouzar... Tu necessitas tambem de descansar. Este sacrificio é superior ás tuas forças, minha adorada filha. José velará commigo.

Hortencia insistiu em permanecer no seu posto, mas teve de ceder ao pedido da marquezia, que prometteu chamal-a si fôsse necessario. De resto, ella anciava por se achar só, afastada daquelle ambiente de martyrio onde se haviam quasi exgottado as suas poderosas energias, profundamente abaladas pela perspectiva do restabelecimento de Oscar.

(Continúa)

UM SIGNAL DOS TEMPOS

O CHRISTO NO JURY

Ahi vem chegando o novo cardeal. Aprestam-se os catholicos e a turba dos exhibicionistas de todas as festividades pomposas para recebê-lo com honras principescas. Os poderes publicos desta Republica sem crença religiosa luctam á porfia, querendo cada um delles ganhar a deanteira na genuflexão e no preito de homenagem. A suprema auctoridade ecclesiastica, que tem a guarda do rebanho na ausencia do pastor, se corresponde com os homens do Governo, como de potencia a potencia administrativa, prevenindo os possiveis desfallecimentos, preparando oficialmente a magnificencia da recepção.

Como nestas coisas de festas não bastam enthusiasmos alcandorados, nem simples manifestações de intimo affecto, já correu entre os fiéis, alastrando-se pela Alta Finança e pelo Grosso Commercio, a farta subscrição com que se hão de ter recursos para explanar as ruas, tapetal-as de flores, illuminal-as esplendorosamente de maneira que sua eminencia faça sua entrada triumphal no meio de perfumes, casados ás harmonias quasi celestias das bandas militares rendidas á influencia da cerimonia.

E, depois, quando o repouso de alguns dias succeder a essas expansões de fiéis e subditos espirituales, não será para admirar que o novo cardeal presida o consorcio da Justiça Republicana com a Religião Catholica, repondo, em solemne procissão, a imagem do Christo no recinto do tribunal popular!

* *

Isto que ahi se nos annuncia mui despreoccupadamente é um verdadeiro *signal dos tempos*, desses tempos atormentados, de profunda dissolução politico-administrativa e de regressão evidente aos principios monarchicos e religiosos que suppunhamos haver banido com o Imperador e sua familia. Esta Republica, em verdade, muito se vae parecendo com a *citê des idoles* que um romancista moderno nos descreve em uma obra de largo descortino social. Ao principio, tudo foi grita e furia de iconoclastas; tudo foi destruição de innocentes symbolos e de insignificativas lembranças do passado. Por pouco não se baixaram dos seus pedestaes as estatuas que lembram glorias da Monarchia, e quasi se chegou a queimar, em praça publica, aos montes, o papel moeda em que se estampára o retrato do Imperante. De religião não era licito falar em publico, e a todo momento bem se percebia que lavrava, nos espiritos, a confusão da

vida livre com a absurda necessidade do atheismo republicano.

O exaggero tomou o lugar da calma e da moderação. O phrenesi das epochas revolucionarias convulsionou as almas irrequietas, que tudo queriam sepultar com o regimen extincto, creando consciencia nova, novos symbolos, novas emoções, novos sentimentos...

A reacção monarchico-religiosa vem, agóra, no fim de poucos annos, revelar a fatuidade, a nenhuma consistencia, a precipitação desses gestos de paranoicos. A pouco e pouco, vindo das camadas inferiores para as superiores, se veio estendendo a propaganda reaccionaria. A lei do casamento civil foi atacada de frente por palavras e por actos, estes mais temiveis nos seus effeitos. Hoje vemos—e ninguem póde ignorar—que ha cidades do interior onde a familia apenas se constitúe pelo sacramento religioso, dispensada a auctoridade do funcionario do Estado.

O padre prégador nem mais precisa expectorar do pulpito seu odio tremendo ás instituições republicanas; a idéa já se infiltrou naquellas cerebrações primitivas: os que acreditam no Deus dos catholicos abominam o casamento civil, que para elles é a consagração do concubinato. Cazam-se na egreja e não cogitam de registrar, perante a auctoridade civil, a união sacrosanta. Si, como é natural, rebentam filhos desses novos troncos abençoado, não ha como persuadir-os da necessidade do casamento legal: a salvação das suas almas sobrepuja a garantia dos direitos e a legitimação dos filhos.

E quando se quer tornar obrigatoria a precedencia do casamento civil, logo acódem os *espíritos liberaes* em defeza do que chamam «liberdade religiosa». A propaganda clerical é elemento seguro das suas victorias perante as urnas. Não lhes convém alienar a sympathia dos roupetas e dos seus sequeles.

Por outro lado, as grandes confrarias, as irmandades poderosas, as chamadas «associações leigas» dominam a alta administração publica, monopolizando certos serviços, mantêm-se na posse de certas regalias—não sendo possível entrar com ellas em lucta ou em concurrencia. Essa situação privilegiada se manifesta, em plena luz, no poderio da Santa Casa, que não abre mão do *direito* de enterrar os mortos, e com suas cloacas especiaes da praia de Santa Luzia se garante o *direito* de empestar os vivos...

Nesta Republica livre-pensadora se assiste, todos os dias, o espectáculo bem característico dos seus grandes homens, dos depositarios da auctoridade publica, darem character official, á

custa dos cofres do Estado, ás fervorosas demonstrações da sua fé catholica. A Republica que, ao nascer, na confecção da sua bandeira, parecia inclinada para o culto de Clotilde de Vaux, váe agóra acompanhando, genuflexa, a procissão que leva até o altar de Maria. A mudança é patente. A todos impressiona. Ninguem se póde chamar á ignorancia. O republicano catholico tem o dever de protestar, em nome do proprio principio que é a base do regimen. Si lhe falta a coragem, envergue, então, a ópa das confrarias, empunhe a tocha do acompanhamento beato e vá formar ao lado dos que, por defenderem Christo, se sentem obrigados á defeza dos principios monarchicos.

* * *

Essa idéa de recolocar a imagem do Nazareno no tribunal do povo só medrou por lhe serem, como vimos, favoraveis as condições de *meio* e de *momento*. Em qualquer differente situação, em outraathmosphera social, ella, que nasceu mesquinha e sem brilho, teria perecido logo, sem chamar a attenção do grande numero. Vale a pena recordar como o facto se passou.

Um operoso defensor de réos, aproveitando as relações que travára com um grupo de jurados, lembrou-se de juntar esse preconicio aos outros com que se váe celebrizando; dirigiu-se, em breves palavras, ao juiz que então presidia o tribunal, fallando como delegado da *familia fluminense* (!) e pedindo-lhe que permittisse a collocação da imagem do Christo no lugar que ella occupava, na casa de Justiça, antes da Republica. O magistrado, bom catholico, seguindo a corrente das manifestações officiaes que valorizam, entre todas, a Religião Catholica—mostrou-se sympathico á idéa; mas, com louvavel prudencia, não resolveu o caso, declarando que ia consultar seus collegas das *varas* criminaes.

Em outra epocha e em outro meio, esse incidente teria dado assumpto para uma simples noticia forense—e ninguem julgaria já proximo o dia do desaggravo religioso.

Entre nós, porém, e neste tempo, o que era simples pedido sem deferimento tomou feição de coisa já sentenciada e em via de execução.

Noticiou-se, de prompto, que o sagrado symbolo tinha de ser reposto, no seu antigo lugar, no dia tal, a tantas horas, com cerimonia grandioso, illuminado com a presença do cardeal brasileiro. Ahi se patenteia, nessa vibração anormal de uma nota insignificante, que o espirito publico está preparado para o movimento reaccionario que estamos indicando á attenção dos bons republicanos.

Acreditou-se, de afogadilho, que,

não obstante a separação da Egreja do Estado, a despeito da Constituição, com menospreço dos principios institutionaes do actual regimen politico, era licito á Magistratura, por sensibilibre religiosa ou por outro motivo, collocar em casas do Governo symbolos de uma religião qualquer, impondo-os ao respeito de toda a gente! Por uns dias se suppoz possível esse novo attentado contra as leis que, ao nascer do novo regimen, o caracterizaram e o extremaram do que succumbira ao embate revolucionario de 15 de novembro!

Só agóra, nestes ultimos dias, se ficou sabendo que a maioria dos juizes criminaes era formalmente contraria á idéa com que sympathizára, segundo se diz, um dos seus collegas. Entretanto, como o imprevisto e o inesperado constitúem a essencia da nossa vida social, ao ponto de não se encontrarem ligações logicas entre actos que se praticam para solução do mesmo problema—não é impossível que, no meio das festas cardinalicias, venha a refflorir a disparatada lembrança e a procissão se encaminhe para o tribunal do jury.

Quem sabe si, quando estiverem impressas estas linhas, já não dominará a sala do tribunal a imagem symbolica da maior victima da Justiça?!

Si assim fôr, terá esta Republica, mais uma vez, justificado os receios e as apprehensões dos que, como nós, a viram nascer no meio da perplexidade dos republicanos, logo cercada pelas ambições dos adhesistas, depois enfebrecida pelas excitações dos jacobinos, e agóra, explorada e desmoralizada pelos que, guardando recordações e sentimentos do passado, vivem e engordam á custa do presente.

São estes que abrem, pressurosos, os braços acolhedores para estreitar os membros das congregações afugentadas da Europa. São estes que encaminham a mocidade para as casas de ensino clerical e, á sombra da famigerada equiparação, fornecem os bandos de bachareis-catholicos-apostolicos-romanos. São estes que, arrastando a Republica para junto do altar, afastam-na do livre-pensamento que a gerou e que lhe póde assegurar o futuro, sem o perigo dos conflictos sociaes que tanto affligem as sociedades modernas.

Só estes poderão deante da indifferença publica e sem apoio dos espiritos verdadeiramente religiosos, repôr a imagem do Christo no tribunal do jury!

EVARISTO DE MORAES.

As officinas dos «Annaes», dispendo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

XADREZ

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Realizou-se de 3 a 29 de janeiro, em São Petersburgo, o 4º torneio nacional russo. Foram vencedores:

1º premio, 500 rublos, Salve, 13 pontos; 2º premio, 350 rublos, Blumenfeld, 12 pontos; 3º premio, 350 rublos, Rubinstein, 12 pontos; 4º premio, 175 rublos, Snosko Borowski, 11 1/2 pontos; 5º premio, 120 rublos, S. Alapin, 10 1/2 pontos.

O 6º e 7º premios, de 80 e 50 rublos, foram ganhos por Evtifeiew e Romanowski, com 10 pontos; o 8º, de 25 rublos por Dowz-Khotimirski, Isbinski e Rosenkrantz, que fizeram 8 pontos. Em seguida, vêem: Levitski com 7 pontos; Talwik com 6 1/2; Ma-lioutine e Omelianski com 6; Helbach com 5; Tschigorine com 1. Este ultimo jogador, vencedor dos torneios precedentes, abandonou o torneio depois da 4ª partida e desafiou Salve para um *match*, que foi accedido.

— Como dissemos, o Schach-Club, de Nuremberg, está organisando um torneio para o campeonato do mundo. Quatro mestres já lhe enviaram a sua adhesão: Maroczy, Marshall, Schlechter e o dr. Tarrash.

— Partidas simultaneas: o dr. Lasker, campeão do mundo, deu uma sessão de 32 partidas no Manhattan Chess Club, com o resultado de 25 ganhas, 6 nullas e uma perda contra Lozinsk; em S. Petersburgo, Alapin jogou 17, ganhando 13 e perdendo uma, e Salve jogou 11, ganhando 6. Tudo em janeiro.

— No torneio para o campeonato do Manhattan Chess Club tomaram parte 13 concurrentes. Venceu W. Fox com 10 pontos. Johner chegou em 2º lugar com 9 1/2 pontos e Marshall em 3º com 9. Marshall, logo após o torneio, começou um *match* com o vencedor, em 5 partidas ganhas.

UMA ODE DE SAPHO

Feliz de quem te acerca e só por ti suspira,
De quem te escuta ainda o harmonico falar,
De quem vê nesse rosto um riso em que se inspira!...
Os deuses poderão em gozos o egualar?.

Sinto de veia em veia, uma terrivel chamma
Meus membros percorrer, si te contemplo a sós;
E num doce transporte em que este amor se inflamma,
Arrasta-se-me a lingua e perco a minha vóz.

Confunde-se-me a vista em sombra indefinida,
Torno-me debil, surda e sinto-me acabar;
Faltam-me a luz e o ar; e pallida, perdida,
Percorre-me o arrepio, e morro por te amar!..

ISIS

Isis de amor que vagas semi-oculta
Nas roupagens das nuvens que enamoras,
Sustem, sentida, as lagrimas que choras,
Buscando Osiris que a amplidão sepulta.

Quando o teu rosto esplendido se avulta,
Nesse volver monotono das horas,
Solta o oceano as musicas sonoras
Que derramam pavor na gente inculta.

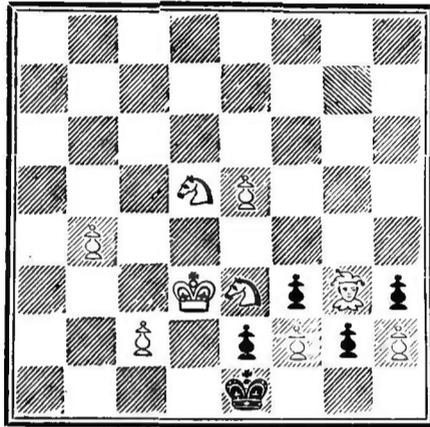
— Ainda o campeonato do mundo: o dr. Tarrash e Maroczy desafiaram o dr. E. Lasker para disputar o campeonato mundial. O campeão mostra-se inclinado a aceitar a lucta, que promete ser sensacional.

**

PROBLEMA N. 42

Calita (São Paulo)

PRETAS (5)



BRANCAS (9)

Mate em tres lances

**

PARTIDA N. 44

(Jogada no torneio do Club de São Paulo, 1905)

GAMBITO EVANS RECUSADO

<i>Branças</i>		<i>Pretas</i>
(F. Godoy)		(M. Levy)
P 4 R — 1 —		P 4 R
C 3 B R — 2 —		C 3 B D

B 4 B — 3 —	B 4 B
P 4 C D — 4 —	B 3 C
P 5 C — 5 —	C 5 D
C X C — 6 —	B X C
P 3 B D — 7 —	B 3 C
P 4 D — 8 —	P X P
Roque — 9 —	P 6 D (a)
D 3 C — 10 —	D 2 R
B 3 T — 11 —	P 3 D
P 5 R (b) — 12 —	B 3 R
P X P — 13 —	P X P
T 1 R! — 14 —	R 2 D (c)
C 2 D — 15 —	C 3 B
T D 1 D — 16 —	C 5 C
C 3 B (d) — 17 —	B X P x
R 1 T — 18 —	B X T
T X B — 19 —	T R 1 R
D 4 T! (e) — 20 —	R 1 D?
B X B — 21 —	P X B
D X C — 22 —	abandonam

(a) Em vez desse lance sem significação as Pretas deveriam cuidar da sua defeza que já está bastante compromettida.

(b) Ataque muito vigoroso. A situação das Pretas já é precaria por causa dos tempos perdidos.

(c) Não presta, mas não ha melhor.

(d) Este sacrificio parece extemporaneo e poderia comprometter a partida.

(e) Excelente lance, para o qual não ha resposta satisfactoria.

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 41 (*Tacito & Lipman*): C 8 B (8 variantes.)

JOSÉ GETULIO.

E reza a lenda lubrica, nefasta,
Que outr'ora houveste um tenebroso ritho
No recinto do templo de Bubasta...

E assim perdida vagas no infinito,
Sempre divina, languorosa e gasta
Como a princeza tragica do Egypto.

A' ESTATUA ALLEGORICA DE ROMA

E's formosa de mais! e a languida postura
Do busto contornado em linhas portentosas,
Mais recordam nações pacificas, ditosas
Que a rainha do Lacio impervia e sempre dura.

Não posso conceber symbolica figura
Dessa filha immortal das guerras escabrosas,
Tendo no rosto infindo a candidez das rosas
Que despontam no albor dos dias de ventura.

Represente-se Roma altiva, austera, hirsuta,
Lembrando no sobrolho a rustica fereza
Da loba que a nutriria em fabulosa gruta.

Estandarte da lei, da força e da grandeza,
Ella foi a principio a synthese da lucta
Como fôra no imperio o sol da redondeza.

IGNACIO RAPOSO.